Setembro 2005 · Ano XL · Nº 385

ISSN 0010-8162

CONVERGÊNCIA

- Quarenta anos depois: alegria e esperança?
- Aspectos antropológicos da oração
- Luzes do 11° Inter-Eclesial das CEBs
  Do Vale do Aço, em Minas, para o Mundo e para a Vida
- Marcha Nacional pela Reforma Agrária
  CRB – Presença de uma igreja itinerante

CRB

Sumário

EDITORIAL 385

PALAVRA DO PAPA 389

INFORME CRB 391

ARTIGOS 398

Quarenta anos depois: alegria e esperança? 398
ANTONIO MOSER, OFM

Aspectos antropológicos da oração 409
IR. PAULO DULLIUS, FSC

Luzes do 11º Intereclesial das CEBs
Do Vale do Aço, em Minas, para o Mundo e para a Vida 415
FREI GILVANDER MOREIRA, OC

Marcha Nacional pela Reforma Agrária
CRB – Presença de uma igreja itinerante 425
PE. LUIZ ROBERTO LEMOS DO PRADO, CM

A ilustração da capa da Convergência de 2005, do artista Anderson S. Pereira, MSC – Rio de Janeiro/RJ, apresenta elementos simbólicos estilizados: a tenda, símbolo de desinstalação, de busca do essencial; a mão, sinal da presença aconchegante de Deus; a lâmpada, evocação da luz do Espírito; o caminho, sinal de itinerância do povo de Deus. Tudo converge para o horizonte do futuro, para o Sol da Vida, sob o signo da Cruz do Ressuscitado.
O projeto gráfico da capa foi elaborado pelo designer Luiz Henrique Sales – Rio de Janeiro/RJ.

CONVERGÊNCIA
Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil - CRB
ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL:
Ir. Maris Bolzan, SDS

REDATOR RESPONSÁVEL:
Pe. Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12679/78)

EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO:
Coordenadora:
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Conselho Editorial:
Ir. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade, NJ
Pe. Francisco Taborda, SJ
Pe. Jaldemir Vitório, SJ
Pe. Cleto Caliman, SDB

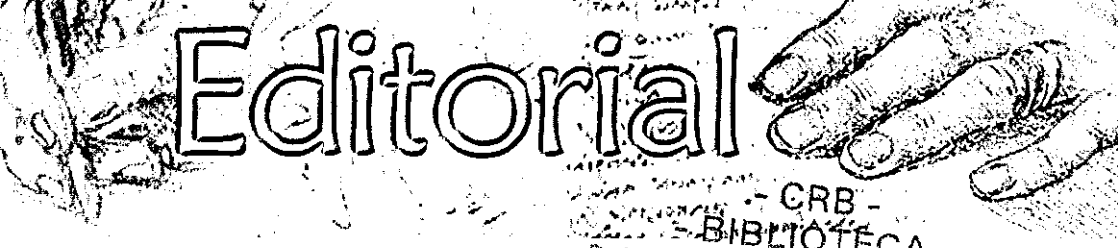
DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar
CEP 20038-900 - Rio de Janeiro - RJ
Tel. (21) 2240-7299
Fax (21) 2240-4486
E-mail: crb@crbnacional.org.br

PROJETO GRÁFICO E PRODUÇÃO:
LetraCapital Editora
Av. Rio Branco 257 - Salas 401/402
CEP 20040-009 - Rio de Janeiro - RJ
Tel. (21) 2215-3781
Fax (21) 2224-7071
E-mail: letracapital@letracapital.com.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF sob o nº P. 209/73

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura Anual para 2005 | Brasil: R$ 80,00
Exterior: US$ 80.00 *ou o correspondente em R$ (Reais)*
Números avulsos: R$ 8,00 ou US$ 8.00



- CRB -
BIBLIOTECA -
R. Alcindo Guanabara, 24/4º - Cinelândia
Cep 20031-900 - Rio de Janeiro - RJ

Transpor fronteiras, ampliar espaços

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

No mundo atual, marcado pelo preconceito, a intransigência, o medo e a violência, vão se multiplicando muros, demarcando rigidamente fronteiras, aprofundando o fosso entre povos, nações, raças, crenças e pessoas. Um sentimento crescente de suspeita e de autodefesa funciona como álibi para justificar e legitimar tais posturas e medidas. Por outro lado, os anseios de paz, de diálogo, de desarmamento material, psicológico e ideológico crescem também e abrem espaço para mobilizações populares e para iniciativas de Organizações Não Governamentais, de comunidades e Igrejas. Há uma preocupação latente ou expressa com a educação para a paz e a não violência. Procura-se transmitir às novas gerações a certeza de que outra forma de relacionamento humano é possível e desejável. De que isto é tarefa que incumbe a todos aqueles que crêem obstinadamente na possibilidade da mudança, que apostam no futuro e não renunciam ao direito de sonhar e de fazer acontecer os sonhos.

Os profetas do Antigo Testamento exortam com freqüência o povo a não se fechar nos seus interesses políticos ou religiosos a "alargar a tenda", a "ampliar os espaços", a "abrir caminhos" porque a salvação de Deus fará romper os limites de todo cálculo humano. O oráculo de Javé em boca de Isaías é um anúncio transfigurante e encorajador: "Alarga o espaço de tua tenda, abre as cortinas, não te detenhas, fortalece as tuas cordas, reforça os gonzos, porque à direita e à esquerda te expandirás" (Is 54,2-3). Jeremias, por sua vez, recorda ao povo que é preciso estar sempre atento aos caminhos novos, a não fixar-se em posições estabelecidas, mas a "plantar setas e colocar estacas no sendeiro" (Jr 31,21), como quem desvenda novas paragens e rasga novos rumos, sem aferrar-se a posições pré-definidas ou a preconceitos de antanho.

No âmbito social em que vivemos hoje, são muitas as fronteiras que é preciso ultrapassar e muitos os muros que devem cair para que se possa "ampliar a tenda" da convivência e do relacionamento humano, abrindo caminhos para o diálogo e a paz. Sem tratar de anular o "fosso social" que separa ricos e pobres, sem derruir o "muro da vergonha" da discriminação étnica e ra-

cial, sem ir além das rígidas fronteiras de caráter cultural e de gênero, não haverá paz nem entendimento entre povos e nações, nem no interior de cada Povo ou Nação. A recente evocação dos sessenta anos da explosão da primeira bomba atômica da história trouxe outra vez à tona a cruel realidade do mundo moderno, sustentado pelo progresso científico e tecnológico, mas açoitado pela cobiça e a ambição desmedidas.

No âmbito das religiões e das igrejas, é igualmente preciso que se superem as barreiras da intolerância, do fanatismo e do ortodoxismo, para que se "amplie a tenda" do mútuo respeito, na convivência plural, abrindo espaço para o diálogo e a colaboração, na árdua tarefa de fazer florescer a justiça e a paz, para além de desavenças e ressentimentos ancestrais.

No âmbito da Vida Religiosa, urge eliminar as barreiras e muros internos e externos de ordem psicológico-relacional, ideológica, estrutural e cultural, que impedem "ampliar a tenda" da sua coerência interna, do seu testemunho evangélico, do diálogo com o mundo e as ciências. A crispação de pessoas e de grupos sobre pequenos interesses de ordem pessoal e institucional, sobre questiúnculas domésticas irrelevantes, sobre antagonismos e rivalidades não controladas acabam encerrando a Vida Religiosa em estreitos feudos ou alienantes guetos, reduzindo os espaços da própria "tenda", inviabilizando o surgimento e o cultivo do diálogo, da convivência fraterna plural e da missão solidário-transformadora. Corre-se o risco de assimilar acriticamente os preconceitos e as intolerâncias, o medo e a insensibilidade frente à violência reinantes no contexto da pós-modernidade. Desgasta-se o vigor profético e o compromisso com o futuro. Não fica espaço para sonhar um mundo novo nem para lançar as bases de "outra globalização possível", em suma, para "ampliar a tenda". Porque, como se afirmou recentemente, "o cristianismo ou é social ou não é. O pietismo associal é profanação do sagrado".

Tudo isso torna extremamente atual e provocadora a palavra do Profeta: "Alarga o espaço de tua tenda, abre as cortinas, não te detenhas, fortalece as tuas cordas, reforça os gonzos, porque à direita e à esquerda te expandirás" (Is 54,2-3). Oxalá essa Palavra encontre eco na sociedade, nas religiões, nas Igrejas e na Vida Religiosa hoje.

Os artigos publicados este mês em Convergência são valiosos subsídios para alimentar a reflexão/oração das comunidades e para ajudá-las a aprofundar o sentido dos eventos de caráter social e eclesial acontecidos recentemente.

"Quarenta anos depois: Alegria e esperança?" – de Antonio Moser – é um excelente texto no marco da celebração dos quarenta anos do grande evento eclesial do século XX, o Concílio Ecumênico Vaticano II. Nele o autor faz uma "releitura" da Gaudium et Spes, situada no seu contexto e de sua relevância para os nossos dias. Nessa perspectiva, e com a competência que lhe é peculiar, desenvolve três grandes questões: – o mundo de então e a trilha indicada pela Gaudium et Spes para um frutuoso diálogo com o mundo; – o mundo de hoje, ou seja, nos inícios de um novo século e de um novo milênio, com os impactos de ordem antropológica e teológica; – o futuro que já se desenha no horizonte e o papel que cabe á Vida Religiosa. O texto confere destaque a três coordenadas da Gaudium et Spes: – a valorização das realidades terrestres, a importância de uma leitura adequada dos si-

nais dos tempos e o diálogo, mostrando o nexo intrínseco que existe entre elas. Na descrição do mundo atual, enfatiza a importância da tecnologia, da biotecnologia e do agravamento das questões antropológicas, éticas e pastorais. A partir desse cenário, abre perspectivas para a Vida Religiosa no futuro próximo. Conclui lembrando que, "na trilha da Gaudium et Spes, fica claro que nossa missão não implica nem em mau humor nem em denúncias iradas. Como se dizia naquele contexto, a melhor denúncia é aquela que brota de um bom anúncio".

Paulo Dulius, fsc, no seu artigo – "Aspectos antropológicos da oração" – faz uma análise dos níveis que constituem a pessoa em relação com a prática da oração. Para o autor, "os graus de profundidade da oração dependem bastante dos níveis em que ela dominantemente se expressa". Outra questão interessante abordada no texto é aquela dos focos diretivos da oração – Deus, a própria pessoa e os outros – que lhe conferem características diferentes. A linguagem usada para a oração é, segundo o autor, "um bom indicador do nível de profundidade dela". A oração individual e a comunitária são tratadas, cada uma na sua especificidade, lembrando que essas duas formas de rezar explicitam aspectos antropológicos, uma vez que a dimensão comunitária é uma das características humanas e precisa manifestar-se também no nível espiritual e, por sua vez, a oração individual expressa a peculiaridade do diálogo de cada qual com Deus". Na conclusão, o autor insiste na necessidade e importância da integração dos vários níveis e refere-se à oração de Jesus como modelo para nós: "a análise das variáveis presentes na oração de Jesus nos ensina a rezar como convém rezar ao Pai".

O artigo – "Luzes do 11° Intereclesial das CEBs. Do Vale do Aço, em Minas, para o mundo e para a vida" – de Gilvander Moreira, O.Carm. – é, ao mesmo tempo, descritivo e prospectivo. Nele o autor partilha com os leitores sua experiência como participante e assessor do Encontro. Situa o evento no seu contexto histórico e geográfico e apresenta, em breves, pinceladas, uma panorâmica geral do seus grandes momentos. O tema do Intereclesial – "Espiritualidade libertadora" – é comentado brevemente, privilegiando a dimensão bíblica e, por isso mesmo encarnada, em estreita relação com a vida e a história: "Quanto mais *sujamos* nossas mãos nas entranhas da história pelo esforço de transformá-la e fraternizá-la, mais estamos cultivando nossa dimensão espiritual". O autor comenta ainda alguns trechos da "Carta Final" do Intereclesial, onde se reafirma a vocação profética das CEBs e sua missão transformadora na Igreja e na Sociedade. Na apreciação do autor, as CEBs ajudam o povo a passar da consciência ingênua para a consciência crítica e criativa, são fermento e sal. Estão na arena da luta. Resume suas impressões nesta frase: "Nos rostos transfigurados das milhares de pessoas que fizeram acontecer o 11° Intereclesial das CEBs estava escrito: *Vivendo em Comunidade, a partir da Base, (queremos) crer, resistir, lutar e sonhar, preparando um mundo sem tantas exclusões*".

"Marcha Nacional pela Reforma Agrária. CRB presença de uma Igreja itinerante" – é o sugestivo artigo de Luiz Roberto Lemos do Prado,CM. Trata-se de um texto escrito por alguém que acompanhou toda a Marcha e que, precisamente por isso, pode apresentar um testemunho abaliza-

do. Partindo, portanto, da experiência, o autor trata com riqueza de sentimentos o desenrolar do processo, tecendo comentários e fornecendo interessante documentação. Descreve o itinerário de um dia de marcha e articula seu testemunho em referência a grandes questões, das quais a Marcha tornou-se um símbolo: – o caráter educativo das marchas populares; os valores fundamentais da Marcha; a questão da mística e seus valores; a Marcha no centro do poder político; o desafio de um a Igreja itinerante. Opina que "a participação da Igreja nessa Marcha, através da organização da CRB Nacional, foi um marco positivo na compreensão de uma Igreja que precisa se desinstalar cada vez mais." O artigo conclui elencando os principais desafios que a mística vivenciada na Marcha lança à Igreja hoje.

"No âmbito social em que vivemos hoje, são muitas as fronteiras que é preciso ultrapassar e muitos os muros que devem cair para que se possa "ampliar a tenda" da convivência e do relacionamento humano, abrindo caminhos para o diálogo e a paz."

Deus salvador

Quarta-feira, 6 de julho de 2005

Queridos irmãos e irmãs!

1. Ouvimos hoje não um Salmo mas um hino tirado da *Carta aos Efésios* (cf. *Ef* 1,3-14), que volta na *Liturgia das Vésperas* de cada uma das quatro semanas. Este hino é uma oração de bênção dirigida a Deus Pai. O seu desenvolvimento dedica-se a traçar as várias etapas do plano de salvação que se realiza através da obra de Cristo.

No centro da bênção ressoa a palavra grega *mysterion*, uma palavra associada normalmente aos verbos de revelação ("Revelar", "conhecer", "manifestar"). De fato, é este o grande projecto secreto que o Pai tinha guardado em si desde toda a eternidade (cf. v. 9) e que decidiu pôr em prática e revelar "na plenitude dos tempos" (cf. v. 10) em Jesus Cristo, seu Filho.

As etapas deste plano são cadenciadas no hino pelas ações salvíficas de Deus por Cristo no Espírito. Antes de tudo este é o primeiro ato o Pai escolhe-nos desde a eternidade para que caminhemos santos e imaculados no amor (cf. v. 4), predestina-nos depois para sermos seus filhos (cf. vv. 5-6), além disso redime-nos e perdoa-nos os pecados (cf. vv. 7-8), revela-nos plenamente o mistério da salvação em Cristo (cf. vv. 9-10), e por fim dá-nos a herança eterna (cf. vv. 11-12) oferecendo-nos já agora o sinal no dom do Espírito Santo em vista da ressurreição final (cf. vv. 13-14).

2. São numerosos, por conseguinte, os acontecimentos salvíficos que se sucedem no desenvolvimento do hino. Eles incluem as três Pessoas da Santíssima Trindade: parte-se do Pai, que é o iniciador e o artífice supremo do plano de salvação; fixa-se o olhar sobre o Filho que realiza o desígnio na história; chega-se ao Espírito Santo que imprime o seu "selo" a toda a obra da salvação. Agora, nós detemo-nos brevemente nas duas primeiras etapas, a da santidade e a da filiação (cf. vv. 4-6).

O primeiro gesto divino, revelado e concretizado em Cristo, é a eleição dos crentes, fruto de uma iniciativa livre e gratuita de Deus. Por conseguinte, no princípio, "antes da criação do mundo" (v. 4), na eternidade de Deus, a graça divina está disponível para entrar em ação. Comovo-me ao meditar esta verdade: desde toda a eternidade estamos diante do olhar de Deus e Ele

decidiu salvar-nos. Esta chamada tem como conteúdo a nossa "santidade", uma grande palavra. Santidade é participação na pureza do Ser divino. Mas sabemos que Deus é caridade. E por isso, participar na pureza divina significa participar na "caridade" de Deus, conformar-nos com Deus que é "caridade": "Deus é amor" (*1Jo* 4,8.16): esta é a verdade confortadora que nos faz compreender também que "santidade" não é uma realidade distante da nossa vida, mas na medida em que podemos tornar-nos pessoas que amam a Deus entramos no mistério da "santidade". O *agape* torna-se assim a nossa realidade quotidiana. Portanto, somos transferidos para o horizonte sagrado e vital do próprio Deus.

3. Por este caminho prodece-se rumo a outra etapa, também ela contemplada no plano divino desde a eternidade: a nossa "predestinação" para filhos de Deus. Não só criaturas humanas, mas realmente pertencentes a Deus como seus filhos.

Noutra parte Paulo exalta (cf. *Gl* 4,5; *Rm* 8,15.23) esta sublime condição de filhos que exige e deriva da fraternidade com Cristo, o Filho por excelência, "primogênito entre muitos irmãos" *(Rm* 8,29) e a intimidade em relação ao Pai celeste que pode agora ser invocado *Abbá,* ao qual podemos dizer "pai querido", num sentido de verdadeira familiaridade com Deus, numa relação de espontaneidade e de amor. Estamos, por conseguinte, na presença de um dom grandioso que se tornou possível com o "beneplácito da vontade" divina e da "graça", luminosa expressão do amor que salva.

4. Em conclusão, confiamo-nos agora ao Grande Bispo de Milão, Santo Ambrósio, o qual numa das Cartas comenta as palavras do apóstolo Paulo aos Efésios, detendo-se em reflexão precisamente sobre o rico conteúdo do nosso hino cristológico. Ele realça antes de tudo a graça superabundante com a qual Deus nos tornou seus filhos adotivos em Cristo Jesus. "Por isso, não devemos duvidar de que os membros estão unidos à sua cabeça, sobretudo porque desde o princípio fomos predestinados para a adopção de filhos de Deus, por meio de Jesus Cristo" *(Carta XVI a Ireneu,* 4; *SAEMO,* XIX, Milão-Roma 1988, p. 161).

O santo Bispo de Milão continua a sua reflexão observando: "Quem é rico, a não ser unicamente Deus, criador de todas as coisas?". E conclui: "Mas é muito mais rico de misericórdia, porque a todos redimiu e como autor da natureza transformou-nos a nós, que segundo a natureza da carne éramos filhos da ira e sujeitos ao castigo, para que fôssemos filhos da paz e da caridade" (n. 7: *ibidem,* p. 163).

1. Mensagem da Assembléia do Conselho Indigenista Missionário

Quarta: 03 de agosto de 2005

Reunidos na XVI Assembléia Geral do Conselho Indigenista Missionário, analisamos a conjuntura brasileira atual e vemos com indignação a violência contra os povos indígenas que cresce de forma generalizada e assustadora em todo o país, num nível somente comparável ao período da ditadura militar (1964-1985).

Junto com esta violência cresce também a impunidade dos invasores, em sua maioria latifundiários ligados ao agronegócio, responsáveis por muitos assassinatos e agressões aos povos, comunidades e lideranças indígenas, ameaçando inclusive de extinção vários povos na Amazônia sem contato com sociedade regional. O fato absurdo é que as vítimas da violência são criminalizadas e perseguidas, inclusive pelo aparato policial. Nos últimos dois meses foram assassinados Adenilson dos Santos e seu filho, Jorge dos Santos, do povo Truká (PE); Aurivan dos Santos, o cacique Truká, ao depor como testemunha do assassinato daquele seu irmão e de seu sobrinho, foi preso pela polícia pernambucana. Foram também assassinados os caciques João Araújo Guajajara (MA) e Dorival Benitez Guarani (MS). Nestes primeiros seis meses já foram assassinados 23 indígenas.

A política indigenista atualmente em curso se caracteriza pelo retorno à antiga tutela, ao confinamento, à segregação e submissão das comunidades indígenas. Os descalabros da atual política indigenista se manifestam também na paralisação das demarcações de terra e no desrespeito generalizado aos direitos constitucionais dos povos indígenas. O povo Krahô Canela expropriado de suas terras e jogado na Casa do Índio de Gurupi/TO é um dos muitos exemplos desse descaso.

Ao descalabro do executivo junta-se o Judiciário quando se trata de proteger supostos direitos dos agressores dos povos indígenas, como acabamos de testemunhar no caso da suspensão temporária, através de liminar, da homologação da demarcação da Terra Indígena Nhaderu Marangatu, no MS.

Os entraves verificados nos processos administrativos para a demarcação das terras indígenas coincidem, na maioria dos casos, com a pressão da base parlamentar e política de sustentação do poder executivo federal no Congresso Nacional. Os fatos revelam as pressões de articulação de forças políticas e econômicas antiindígenas, notadamente nos estados de SC, MS, MT, RO, AC, AM, RR, PA, TO, com fortes pressões sobre o Poder Judiciário e com intensa atuação no Congresso Nacional, onde atualmente circulam mais de 50 proposições de projetos de lei com o objetivo claro de anular direitos indígenas reconhecidos na Constituição de 1988.

A partir da nossa compreensão da atual conjuntura, concluímos que violência, impunidade, corrupção e autoritarismo fazem parte de um mesmo processo, intrinsecamente vinculado ao sistema capitalista neoliberal que penaliza a sociedade brasileira como um todo e, particularmente, os setores populares e os povos indígenas,

Os desafios da conjuntura brasileira se manifestam de forma similar em diversos países do continente latino-americano: o povo organizado e mobilizado, com forte participação indígena, cansado de décadas de abuso governamental, vem ocupando ruas e praças, estradas e instituições públicas, protestando, exigindo direitos, depondo presidentes da República coniventes ou cúmplices da desagregação ética, moral, social e política.

Identificamos no momento atual, sinais de esperança que revigoram e intensificam nosso trabalho junto aos povos indígenas: a ampliação e o aprofundamento das alianças das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) com os povos indígenas; a conquista da homologação da Terra Indígena Raposa Serra do Sol pelos povos indígenas de Roraima; o inequívoco ascenso das lutas populares e indígenas, em todo o Brasil e em toda a América Latina.

Os povos indígenas no Brasil, em sua trajetória milenar, e seus aliados, os movimentos sociais do campo e da cidade, sabem hoje que o projeto histórico popular é muito maior do que aqueles que o traem e deturpam, deslumbrados com o poder das elites que sempre, com base na força e na cooptação, governaram este país. Os povos indígenas têm muito a contribuir, a partir de suas formas de sociedade e concepções de poder, com a construção deste projeto de transformação e superação do modelo capitalista.

Fortalecidos na nossa Fé e na nossa Esperança; renovados em nosso compromisso com os povos indígenas; dispostos a construir e confirmar nossas alianças com todos os setores populares que lutam por uma sociedade justa, plural e fraterna, no Brasil e na América Latina, enviamos ao povo brasileiro esta nossa Mensagem, convidando a todos para retomarmos com vigor a grande tarefa coletiva da transformação social, guiados pelo lema da nossa XVI Assembléia Geral: "A força dos pequenos é luz para o mundo".

Luziânia (GO), 29 de julho de 2005

2. Ética na política

Pelo fim da impunidade, por justiça para todos e todas

"Surdos, escutem; cegos, olhem e vejam! Quem é cego senão meu servo? Quem é surdo, senão o mensageiro que eu mandei? Você viu muitas coisas, e nada percebeu; abriu os ouvidos e nada ouviu. Por causa de sua própria justiça, Javé queria engrandecer e glorificar a sua lei; mas o seu povo é um povo espoliado, esgotado e roubado, todos presos em cavernas, trancados em prisões. Era saqueado, e ninguém o libertava; despojado, e ninguém dizia: "Devolvam isso". Quem de vocês vai escutar isso tudo e prestar atenção para ouvir daqui por diante?" Is 42,18-23.

Representantes das Igrejas Associadas da Coordenadoria Ecumênica de Serviço – CESE e do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs – CONIC, em conjunto com a Cáritas Brasileira, a Secretaria Regional para o Brasil do Conselho Latino-Americano de Igrejas – CLAI-Brasil e Organismos Ecumênicos, por ocasião da Assembléia Geral da CESE, em Salvador, Bahia, nos dias 08 e 09 de junho de 2005, tendo como inspiração o tema Cidade de Paz, registram com profunda preocupação a crise pela qual passam os poderes da democracia brasileira e perguntam pelas causas que estão a gerar a situação na qual nos encontramos.

Dois anos se passaram desde que Luis Inácio Lula da Silva se elegeu presidente pela vontade de 53 milhões de eleitores, traduzindo as esperanças do povo brasileiro num governo comprometido com a justiça social e a dignidade humana. Hoje, contudo, vive-se um nítido mal-estar na vida democrática do país provocado pela imposição progressiva da agenda neoliberal nas entranhas do Governo que se expressa em muitos aspectos das reformas realizadas ou em curso. Manifesta-se na prevalência do agro-negócio sobre a agricultura familiar e na lentidão da Reforma Agrária; na aceitação – como princípio – do "livre comércio" em vez do comércio justo; no modelo produtivista de crescimento acelerado em conflito com um desenvolvimento sócio-ambiental sustentável e no pouco caso com nossos recursos hídricos; na aceitação passiva dos mecanismos do endividamento público, sem qualquer restrição à especulação financeira; e, ainda, na opção por políticas compensatórias desacompanhadas do atendimento estruturante e universal segundo uma perspectiva de direitos.

Já no plano institucional, fatos de que temos conhecimento pela grande imprensa vão formando uma realidade sufocante de nomes e siglas de pessoas e órgãos denunciados. Isso causa um grande desencanto e alimenta a descrença nas instituições democráticas quanto à sua capacidade de preservar o Estado de Direito. A confluência de um grande número de denúncias de corrupção envolvendo instâncias públicas e interesses privados, por parte da Polícia Federal e Ministério Público, revela um grave quadro de injustiça e impunidade que, ademais, agrava a falta de recursos e inviabiliza políticas públicas que atendam as necessidades básicas da população, impondo-lhe um sofrimento cotidiano. É

bem verdade que parte da imprensa, dos parlamentares, dos juízes, do Ministério Público e de instâncias administrativas, estão tentando cumprir honestamente seu papel, dando provas de que um novo cenário, um outro país é possível. Muitas investigações estão em andamento e devemos encorajar este processo. Mas uma verdadeira nação quer muito mais; quer um choque de ética que passe a limpo imediatamente o nosso país.

Enquanto o povo reinventa a democracia ocupando novos espaços públicos de participação, criando alternativas de vida e de respeito às relações de gênero e raça, as elites brasileiras radicalizam uma cultura predatória de sucateamento do patrimônio público e de desmoralização das instituições. Certamente, muitos dos constrangimentos recentes vividos pela nação brasileira apontam para a urgência de uma reforma política e a valorização dos partidos dentro de uma nova cultura política.

A apuração rigorosa dos crimes de "colarinho branco" em algumas empresas estatais, órgãos públicos e dentro do Congresso Nacional é uma exigência de governabilidade e não pode, nem deve ser alvo da exploração político-eleitoreira. Esperamos do governo Lula, do Parlamento, do Judiciário e do Ministério Público todo o empenho para identificação e punição dos culpados, de sorte que as instituições saiam fortalecidas e acreditadas pelo povo brasileiro.

Confiando que os governantes escutem nosso Clamor como Igrejas e Organismos Ecumênicos que é o próprio clamor do povo sofredor, subscrevemo-nos, com esperança de uma sociedade onde reinará a Justiça e a Paz!

Salvador, 09 de junho de 2005

CESE – Coordenadoria Ecumênica de Serviço – Dom Gilio Felício – Presidente

CONIC – Conselho Nacional de Igrejas Cristãs

Pastor Ervino Schmidt – Secretário Executivo

(ICAR)/CNBB – Igreja Católica Apostólica Romana – Dom André de Witte

IEAB – Igreja Episcopal Anglicana do Brasil

Bispo Primaz Dom Orlando Santos de Oliveira

IECLB – Igreja Evangélica de Confissão Luterana – Pastor Nestor Paulo Friedrich

IM – Igreja Metodista – Bispa Marisa de Freitas Ferreira Coutinho

IPIB – Igreja Presbiteriana Independente do Brasil

Reverendo Nenrod Douglas Oliveira Santos

IPU – Igreja Presbiteriana Unida do Brasil – Reverendo Gerson Antônio Urban

Igreja Batista Nazareth – Pastor Djalma Rosa Torres

Cáritas Brasileira – José Magalhães de Souza – Diretor Executivo

CLAI-BRASIL – Secretaria Regional para o Brasil do Conselho Latino Americano de Igrejas

Luiz Caetano Grecco Teixeira – Secretário Executivo

DIACONIA Sociedade Civil de Ação Social

Waldyr Hoffmann – Presidente do Conselho Diretor

3. Comissão Justiça e Paz CNBB/ Regional Norte II

Pede o fim da corrupção no Brasil

Diante da avalanche crescente no noticiário, com referência à corrupção na classe política, os cidadãos devem com justiça exprimir sua revolta e seu desejo de que se coloque um fim nessas práticas.

O problema é que se implantou, endemicamente, uma mentalidade perversa, segundo a qual os cargos políticos e os recursos públicos são objetos de pilhagem, à disposição dos que conseguem abocanhá-los com mais esperteza.

Para corrigir este mal não bastam remédios superficiais. Quando o organismo manifesta uma hemorragia profunda, requer uma intervenção urgente. Este é o diagnóstico olhando-se não só os episódios de agora, mas observando-os à luz de uma tradição que vem de há muito tempo.

Por isso, a reiterada constatação de atos de corrupção nos oferece uma preciosa oportunidade. Não para provar que a política é assim mesmo, corrupta por natureza, como alguns querem exatamente mostrar, mas para provocar uma profunda reforma, para a qual todos deverão colaborar. É bom lembrar que, em passado não muito distante, esses fatos eram encobertos. Portanto, este é um momento que, afinal, traz também uma oportunidade importante de se buscar a transparência na política, a ser conseguida à custa do aprofundamento até o fim, doa a quem doer, das investigações por parte da Polícia Federal, da Controladoria Geral da União e do Congresso Nacional.

Entretanto, para que essa transparência seja alcançada, urge que sejam apurados todos os fatos denunciados, tanto no nível federal, como no estadual e no municipal, pois aqui, no Pará e, também, no município de Belém, o rolo compressor exercido pelos parlamentares que apóiam os atuais governos, sepultou propostas de CPIs, certamente pelo receio de seus resultados.

Estamos vigilantes e nos preparando para implantar um projeto de monitoramento dos políticos, a começar pelos vereadores da Câmara de Belém, a fim de mostrar ao povo quem de fato continuará sendo merecedor da confiança dos eleitores.

Belém, 29 de junho de 2005

Comissão Justiça e Paz/CNBB N2

Secretaria Executiva
Pe. Bruno Sechi (Coordenador)
Mary Cohen
Hélio Mairata
Raimundo Moraes
Marcelo Vieira Dias
Roselene Silva
Raul Navegantes
Felício Pontes Jr.
Alcidema Coelho
Francisco Batista

4. 11º Encontro Intereclesial das CEBs

Saudação da Presidência da CNBB aos participantes

Por meio desta mensagem, em nome da Presidência da CNBB, faço chegar a todos vocês uma calorosa saudação e uma palavra de firme apoio ao 11º Encontro Intereclesial das CEBs, reunido em Ipatinga, Diocese de Itabira/Coronel Fabriciano, em Minas Gerais. Saúdo as numerosas delegações vindas de tantas Dioceses, de todos os Regionais da CNBB, os irmãos bispos, padres e diáconos, religiosas e religiosos, representantes de povos indígenas e afro-descendentes, irmãos evangélicos, representantes de outras denominações religiosas e convidados de outros países.

Vocês vieram aqui celebrar sua fé e aprofundar seu compromisso cristão, seguindo a tradição própria da caminhada das CEBs, em torno do tema da "espiritualidade libertadora" e do lema "Seguir Jesus no compromisso com os excluídos". Os encontros das CEBs, construídos com muita participação, têm sido marcados pela alegria, pelo estudo de temas, pela beleza das celebrações e pela seriedade na tomada de compromissos. Essas características brotam da vida de milhares de pequenas comunidades cristãs e constituem sua forma própria e original de encarnar o Evangelho de Jesus Cristo nos relacionamentos pessoais e nas dimensões sociais da vida. A riqueza e diversidade das expressões e o respeito às diferenças se articulam e consolidam na unidade da fé em Jesus, nosso Mestre e Libertador e ganham universalidade no intercâmbio com outras comunidades e na comunhão com seus pastores.

O trem das CEBs, que há trinta anos percorre os caminhos desse imenso Brasil, entrou nesse ano na estação de Ipatinga, trazendo milhares de delegados que vêm aprofundar o tema da "espiritualidade libertadora", longamente preparado e estudado nas comunidades de origem de cada um de vocês. O tema é de grande atualidade, e ganha seu significado maior na força transformadora do Evangelho e na prática libertadora da vida. É Jesus de Nazaré quem nos mostra onde estão as raízes mais profundas da escravidão e de uma "cultura da morte", e nos aponta o caminho que leva à defesa e promoção da vida e a um renovado compromisso com os excluídos da nossa sociedade.

Quero animá-los a tratarem em profundidade o drama da exclusão, que produz fome e miséria e que ofende a dignidade de milhares de pessoas e famílias, e a buscarem na fé cristã a iluminação que permita a superação de todos esses males. Percebendo a urgência dessa questão, a CNBB, nas "Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil" (2003-2006), denunciou o "escândalo da exclusão e da violência na sociedade consumista", chamando todos a uma conversão do coração e à luta por uma sociedade justa e fraterna, através de iniciativas e práticas solidárias (nº 157). O tema da exclusão foi também assumido como um dos eixos do Tema Central da próxima Assembléia Geral da CNBB, a realizar-se em Itaici, SP, no próximo mês de agosto.

No Projeto de Evangelização "Queremos ver Jesus, Caminho Verdade e Vida", os bispos do Brasil indicam pistas concretas para viver nossa fé através da evangélica opção

pelos pobres. Oferecemos também subsídios para iluminar essa caminhada: nas dimensões bíblica e litúrgica, ecumênica e missionária, catequética e no serviço da caridade, da justiça e da paz. No campo social, específico da ação dos leigos e leigas, foram elaborados Cadernos sobre Temas de Doutrina Social da Igreja e traduziu-se o "Compêndio da Doutrina Social da Igreja", preparado pelo Pontifício Conselho "Justiça e Paz" do Vaticano e recentemente lançado no Brasil.

Na esteira do Concílio Vaticano II, as CEBs procuraram valorizar o aspecto comunitário da Igreja, o que se expressa "na busca de comunidades eclesiais menores, de rosto humano, mais afetivas e acolhedoras, com mais participação" (Diretrizes, 139). Construíram formas criativas de ser uma "Igreja samaritana", na multiplicidade de serviços e ministérios, visando "estar a serviço da promoção integral da pessoa humana, conforme o plano de Deus" (Diretrizes, 121).

Nesses trinta anos de caminhada, as CEBs do Brasil têm sido sementeira de movimentos sociais e escola de formação de cristãos/ãs engajados/as na realidade eclesial e social, a partir da base. Uma marca das CEBs tem sido vincular uma fé viva com a práxis cristã no campo político e social. Estou certo que o aprofundamento do tema central desse encontro vai trazer nova energia para seu compromisso de solidariedade com os excluídos e novas razões de esperança e perseverança no bem, em meio a cruzes e decepções.

Nesse ano da Eucaristia, proclamado pelo Papa João Paulo II, de feliz memória, somos convidados a partilhar o pão eucarístico e o pão das nossas vidas, como o Papa nos exorta em sua Carta Apostólica "Mane Nobiscum Domine" – "Fica conosco Senhor". O Santo Padre se refere à Eucaristia como Mistério da Luz, que devemos "Celebrar, adorar e contemplar". Fala-nos da Eucaristia como fonte e manifestação de comunhão. Em torno da Eucaristia se faz a Igreja, pois "o cristão que participa da Eucaristia aprende dela a fazer-se promotor de comunhão, de paz, de solidariedade, em todas as circunstâncias da Vida (n° 27).

O Papa recorda-nos que é da Eucaristia que brota nossa Missão no mundo e o chamamento para estarmos no "serviço aos últimos". No final da sua carta, o Papa faz uma afirmação muito clara e forte, lembrando a advertência do Apóstolo Paulo aos cristãos de Corinto e hoje a nós: "... não é lícita uma celebração eucarística na qual não refulja a caridade, testemunhada pela partilha concreta com os mais pobres" (n° 28; cf. 1Cor 11,17-22.27-34).

Congratulo-me com todos vocês, queridos membros das CEBs do Brasil, neste encontro de intercâmbio, celebração e comunhão. Faço votos que todos saiam daqui com o novo entusiasmo e com renovado compromisso de testemunhar corajosamente sua fé em todos os espaços da vida quotidiana. Agradeço especialmente a Igreja anfitriã, a Diocese de Itabira-Coronel Fabriciano, na pessoa do seu bispo, Dom Odilon Guimarães Moreira, as comunidades locais, as coordenações, assessores e equipes de serviços. Não podendo estar pessoalmente presente no encontro das CEBs, a Presidência Nacional da CNBB se faz aí representar por Dom Célio de Oliveira Goulart, Presidente do Regional Leste II. Desejo a todos um encontro muito abençoado e alentador.

Brasília, 19 de julho de 2005

Cardeal Geraldo Majella Agnelo
Presidente da CNBB

Quarenta anos depois: alegria e esperança?

ANTONIO MOSER

Introdução

Os quarenta anos da promulgação da *Gaudium et Spes* estão propiciando uma série de estudos sobre a "recepção" daquele documento mais significativo, e de modo indireto, de todo o Concílio Vaticano II. Indiscutivelmente o clima criado pelo Vaticano II foi de uma certa euforia teológica e pastoral, com reflexos sobre o relacionamento Igreja-mundo, tanto no sentido do diálogo com as sociedades, quanto do diálogo ecumênico e inter-religioso. Entretanto, na medida em que foram sendo estabelecidos certos "balizamentos" e "hermenêuticas" oficiais, não apenas ocorreu um arrefecimento de entusiasmo em certas áreas, como até começaram a ser colocadas muitas interrogações. Fatos eclesiais recentes só fizeram aumentar e aguçar estas interrogações sobre eventuais avanços e recuos em relação aos ideais propostos pelo Vaticano II. Apesar de múltiplas e variadas estas interrogações podem ser sintetizadas em algumas perguntas: qual a razão de ser da Igreja? Qual o papel da Igreja face às outras igrejas e religiões? Como deverá ela se relacionar com um mundo tão cheio de contrastes e tão modificado nestes últimos decênios? Será que ainda se pode falar em alegria e esperança na perspectiva de um diálogo profundo e profícuo, ou a Igreja seguirá seu caminho, colocando-se sempre mais numa posição de isolamento tanto em relação ao campo religioso, quanto ao campo secular?

Estas perguntas, que já vêm sendo feitas há algum tempo, revestem-se de maior densidade quando hoje parece tornar-se mais aguda a tensão entre ciência e fé. A *Gaudium et Spes* foi em grande parte a expressão de uma nova postura na qual a Igreja como que abria os braços para um grande diálogo com o "mundo", inclusive em termos de acolher eventuais questionamentos que levam a um repensamento na linha de valores e comportamentos. Acontece que a evolução "rápida e profunda" descrita pela *Gaudium et Spes* foi assumindo uma velocidade simplesmente estonteante com novas e sensacionais descobertas em todos os campos. Mudanças tão rápidas e

profundas parecem erigir um monumento em favor do princípio de uma relatividade absoluta: o que hoje é apresentado como verdade, amanhã irá trazer as marcas do envelhecimento. Isto ocorre sobretudo no campo das biociências e das biotecnologias onde o choque entre razão e fé parece ser mais contundente. Às sempre mais sensacionais descobertas e intervenções referentes aos mecanismos mais secretos da vida, se contrapõe uma grande perplexidade em termos de posicionamento ético.

Para podermos tomar consciência deste novo momento histórico e interpretá-lo em vista de uma ação evangelizadora eficaz, deveremos dar ao menos três passos. Num primeiro convém reconstituir o "mundo" de então e a trilha indicada pela *Gaudium et Spes* para um amplo e frutuoso diálogo; num segundo faremos breve descrição do "mundo" de hoje, ou seja, dos inícios de um novo século e de um novo milênio, com os impactos de ordem antropológica e teológica; num terceiro tentaremos perscrutar o futuro que já se desenha no horizonte e o papel que cabe à VR. Em cada um destes passos estará presente nossa preocupação de articular simultaneamente o "mundo" das ciências e tecnologias com o "mundo" da fé, enquanto este confronto levanta interrogações éticas sem precedentes e desafia a missão evangelizadora da Igreja.

1. O Mundo de 40 anos atrás

Para se entender o diagnóstico e as linhas de solução que a *Gaudium et Spes* propõe para os problemas, é fundamental ter presente alguns traços daquele "mundo" de quarenta anos atrás e isto sob vários ângulos: econômico, social, político, religioso, eclesial, teológico. Se buscarmos uma palavra para caracterizar os três primeiros ângulos, esta certamente deveria ser "otimismo". E se quisermos caracterizar os três últimos ângulos ao mesmo tempo, a palavra certa seria "busca". É dentro deste clima que vão emergir as coordenadas propostas pela *Gaudium et Spes*, tanto em termos teológicos quanto morais e pastorais.

1.1. Otimismo

Olhando a partir de um prisma europeu, mas com inevitáveis reflexos sobre os outros continentes, de um ponto de vista político, econômico e social, a década de 1940 vem associada às marcas de uma guerra que deixou cerca de 50 milhões de mortos e estendeu sobre todo o continente um manto de destruição. Já a década de 1950 foi a década da reconstrução não apenas material, mas também social, no sentido de irem se abrindo perspectivas para uma nova realidade. A década de 1960 foi a década das expectativas de "progresso" no sentido mais amplo da palavra. Até mesmo as nações derrotadas começavam a dar mostras de novo vigor econômico, secundadas pelos avanços tecnológicos nas mais diversas áreas.

Está claro que sobretudo no que se refere à "reconstrução" e ao "progresso", há uma série de semi-tons a serem levados em consideração. Basta pensar nos desequilíbrios econômicos e sociais, bem como na manifestação de força do comunismo ateu, ambos muito presentes na *Gaudium et Spes*. Como também se

faziam presentes no mesmo documento as preocupações com a paz no contexto de uma guerra fria que em certos momentos parecia poder se transformar em guerra quente. Encíclicas do Papa João XXIII e de Paulo VI vão reforçar estas preocupações. Basta pensar da *Pacem in Terris* e na *Populorum Progressio*. A primeira tentava abrir caminhos para uma paz duradoura; a segunda mostrava que progresso verdadeiro é somente aquele que humaniza no sentido mais completo da palavra, e não somente avanços materiais. O mundo que a *Gaudium et Spes* tem diante de si não é idealizado, mas um mundo de vitórias e derrotas, de graça e de pecado (GS,2).

Entretanto, apesar dos senões, o clima de otimismo então reinante não deixou de afetar também a atitude da Igreja não só em relação ao mundo, mas também em relação a si própria. A carismática figura do Papa João XXIII foi um pouco a expressão do clima de expectativa de novos ares. Por aí se percebe que alegria e esperança não são apenas o título do mais comentado documento do Vaticano II: são a expressão das expectativas que animavam todo o Povo de Deus de cima a baixo e em todos os ângulos.

1.2. Busca de aggiornamento teológico, espiritual e pastoral

Ainda que a convocação do Concílio tivesse sido uma surpresa, na realidade ela respondia à necessidade de um posicionamento da Igreja diante de novos e grande desafios, também teológicos, espirituais e pastorais. Embora no início tudo parecesse um tanto confuso, aos poucos foi se impondo uma certeza: algo de novo e de muito importante estava acontecendo no interior da Igreja. Eram freqüentes em círculos eclesiásticos e teológicos alusões a uma espécie de novo Pentecostes que estaria se esboçando no horizonte. O fato é que os ares ficaram agitados. Num primeiro momento as várias disciplinas teológicas e pastorais refletiam a necessidade de deixarem para trás certos fardos que foram se acumulando ao longo dos últimos séculos, marcados pelo que se passou a denominar de neo-escolástica. Por isto mesmo, o primeiro momento expressou uma contraposição entre o passado e aquilo que se imaginava serem as necessidades do presente. Um caso típico deste mal-estar se configurava sobretudo na Moral. É significativo que a única tentativa de se produzir um documento específico foi categoricamente rejeitada pelos Padres Conciliares: casuísmo, dualismo pessimista, legalismo, eram termos correntes para expressar o desejo de buscar novos caminhos para acertar o passo com a história.

Mas, num segundo momento, este clima de busca se configurou de maneira não apenas menos agressiva, como também de uma "volta às fontes". Foi assim que no caso da Moral se passou a valorizar mais a Bíblia, a Patrística, a Alta Escolástica, na trilha da fidelidade ao seguimento de Jesus Cristo, hoje e sempre. Desta forma a assimilação daquilo que se apresentava como novo, sobretudo oriundo dos avanços das ciências humanas e do social, não significava pura e simplesmente assimilar novos dados: significava exatamente articular uma nova compreensão a partir da

dialética dos dados da fé e da grande Tradição com os dados das ciências.

Ainda no caso específico da Moral esta dialética foi se solidificando em três grandes esquemas: o esquema dos manuais neo-escolásticos, o esquema da renovação e o esquema da libertação. O primeiro esquema se caracteriza por ressaltar as linhas de princípios, sem levar muito em conta as contingências históricas. O segundo esquema, inspirado no todo do Concílio, mas particularmente na *Gaudium et Spes*, foi dando força a uma leitura que, apoiada na Sagrada Escritura e no agir de Jesus Cristo, preocupa-se mais com o "produzir frutos para a vida do mundo". Isto significa uma moral mais voltada para as pessoas enquanto mergulhadas num contexto econômico, político, social. Já o terceiro esquema, mais desenvolvido no mundo latino, ao mesmo tempo que assimila as demais coordenadas da renovação, reforça o acento político e social, como exigência da fé: em nome da fé os cristãos estão comprometidos com a transformação do mundo (GS, 43).

1.3. As coordenadas da Gaudium et Spes

A *Gaudium et Spes* não se constitui num documento isolado. Até pelo contrário, é ela que melhor expressa uma visão de conjunto das buscas, e por isto também traduz as grandes linhas inspiradoras de uma nova postura teológica e eclesial. Mesmo correndo o risco de deixar na sombra linhas que foram importantes, talvez pudessem ser destacadas três grandes intuições: aquela da valorização das realidades terrestres, aquela da importância de se fazer uma adequada leitura dos sinais dos tempos, e aquela do diálogo.

Sabidamente, inspirados numa leitura tópica e unilateral do Evangelho de São João, desde os primórdios da Igreja houve cristãos que olharam com desconfiança e até com desprezo "as coisas deste mundo". A "fuga do mundo" parecia um imperativo determinante para quem quisesse seguir o Cristo e optar "pelas coisas do céu". E em tonalidades diferentes, este mesmo posicionamento renasce sempre de novo. Tentando corrigir esta rota, a *Gaudium et Spes*, logo no número 2 do Proêmio, vai convidar a todos para lançarem um novo olhar sobre o "mundo". Trata-se certamente de um mundo onde bem e mal convivem, mas é sobretudo o mundo "criado e conservado pelo amor do Criador...", redimido pela cruz e ressurreição de Jesus Cristo, e destinado à chegar à plenitude no final dos tempos.

Decorrente desta nova leitura do mundo, vão ser ressaltados o valor e autonomia das realidades terrestres. Nos célebres números 36 e 39 da *Gaudium et Spes* fica claro que cabe aos cristãos não confundir os progressos do mundo presente com o Reino, mas cabe também a eles saber discernir a presença atuante do Reino neste mundo. Daí o forte acento do comprometimento do cristão com tudo aquilo que acontece no mundo, no sentido da busca de uma transformação que através das realidades terrestres todos possam intuir a ação da graça de Deus: "... a esperança de uma nova terra, longe de atenuar, antes deve impulsionar a solicitude pelo aperfeiçoamento desta terra" (GS, 39).

Esta missão pressupõe, contudo, que os cristãos saibam perceber os sinais dos tempos, discernindo através deles quais sejam os desígnios de Deus. Ainda que a expressão mesma "sinal dos tempos" (GS, 232) não tenha sido empregada muitas vezes nos textos, ela se tornou uma espécie de refrão que alimentou ricamente as reflexões. A leitura dos sinais dos tempos, que nos faz desvendar na fé a atuante presença de Deus na história humana, é que vai possibilitar um verdadeiro diálogo seja da Igreja com as demais igrejas e demais religiões, seja da Igreja com o mundo. Isto porque, embora a plenitude da revelação se encontre em Jesus Cristo, de acordo com vários Padres da Igreja, "as sementes do Verbo" encontram-se espalhadas em todas as culturas e em todos os tempos. Cabe a nós detectarmos estas sementes.

2. O mundo dos inícios de um novo século e um novo milênio

O número 4 do texto da *Gaudium et Spes*, onde se descreve o mundo de então como imerso em "transformações rápidas e profundas", pode ser literalmente citado até hoje. Entretanto, o sentido das palavras já não é bem o mesmo. Algo de parecido se pode dizer de muitos outros textos encontrados nos vários documentos: as mesmas expressões de ontem são usadas hoje, mas carregando consigo um sentido bastante diferente. Isto, em primeiro lugar, porque a evolução foi muito mais rápida e muito mais profunda do que aquela descrita há quarenta anos; mas sobretudo porque a força transformadora à qual se aludia remete para a tecnologia, enquanto a força propulsora de mudanças muito mais profundas e muito mais rápidas de hoje se encontra na biotecnologia. Ora, isto produz um abalo também em termos antropológicos, com questionamentos inusitados em termos teológicos, morais e pastorais. Decisivamente o mundo dos inícios do novo século e do novo milênio, já não é o mesmo que o Vaticano II tinha em mente há quarenta anos atrás: é um mundo que, pela sua complexidade, nos deixa ao mesmo tempo entusiasmados e perplexos, otimistas e pessimistas. Tudo depende de que ponto de vista observamos este mundo e de quem dá a tônica a tamanho poder que se esconde por trás da palavra biotecnologia.

2.1. O mundo tecnológico

Com razão muito se escreveu e muito se escreve sobre a revolução industrial. Ela não apenas capacitou os seres humanos a transformar de maneira profunda seu meio ambiente, como também transformou mentalidades e comportamentos. Foi no rastro da industrialização que mudaram as condições de trabalho e de lazer. Foi também no rastro da industrialização que se instauraram a urbanização, a dessacralização e a secularização, com tudo o que isto implica em termos de valores. Entretanto por trás de revolução industrial encontra-se o desenvolvimento de uma tecnologia que ia se tornando cada vez mais sofisticada. Quando se faz uma comparação entre as máquinas industriais de 40 anos atrás com as de hoje, em qualquer setor da indústria, se percebe que houve um salto qualitativo. Basta pensar na diferen-

ça entre as "modernas máquinas" impressoras que imprimiram os documentos do Vaticano II e uma CPT atual (*computer to plate*), com passagem direta do computador para o chapa, evitando processos intermediários.

Neste novo contexto computadores fazem parte hoje do cotidiano de milhões de pessoas de todas as classes sociais e se tornaram um instrumento simplesmente indispensável para qualquer tipo de atividade. Ora, a era dos computadores não tem muito mais do que 15 anos. Ademais, qualquer criança acessa internet para tudo, conectando-se imediatamente com qualquer parte do mundo, obtendo ao menos uma primeira informação sobre qualquer assunto. Ora, a internet mal conta com 10 anos. Algo de parecido ocorreu com os aparelhos eletro-eletrônicos, com celulares cada vez menores e cada vez mais capazes de operações múltiplas. O mais importante é perceber que todo este universo tecnológico se conecta como que em rede, de tal forma que os avanços num dos setores repercute imediatamente sobre os outros. Com isto a aceleração dos processos é tanto maior, carregando consigo, por sua vez, mudanças ainda mais rápidas em termos de mentalidades e comportamentos.

2.2. O mundo da Biotecnologia

Biotecnologia não é apenas uma palavra da moda, e que se conecta com inúmeras outras palavras também da moda: genes, biogenética, bioenergia, clonagem, terapia gênica... Para além dos modismos, ela expressa uma realidade de fato nova. Para melhor entender do que se trata, convém trabalhar com exemplos que traduzem os diferentes níveis de intervenção sobre a natureza, mormente a natureza humana. Em primeiro lugar existem interferências que atuam de modo indireto sobre os seres humanos, na medida em que toda atuação sobre as coisas, de uma maneira ou de outra, interfere sobre as pessoas. Em segundo lugar devemos assinalar interferências diretas, mas que ficam apenas nas aparências: cortar unhas, cabelos, fazer maquiagem, plásticas mais ou menos leves. Em terceiro lugar teríamos o influxo não negligenciável de todo tipo de medicamentos. Em quarto lugar deveremos ter presentes os vários "chips", que atuam de maneira mais direta não só sobre o "corpo", mas, a partir do corpo, também sobre o todo do ser humano, inclusive sobre idéias e comportamentos.

A biotecnologia assimila todos os avanços anteriores, mas vai muito além, tanto no nível dos conhecimentos, quanto da capacidade de atuação. No nível dos conhecimentos, a biogenética é certamente o setor da ciência que mais progride ultimamente. Sobretudo após o Genoma Humano, projeto desenvolvido na década de 1990 para mergulhar nos segredos mais íntimos da vida, as surpresas no campo são quase que diárias. Com uma rapidez incrível se anunciam descobertas não apenas surpreendentes, mas até, de alguma forma, descobertas que nos colocam em conflito com anúncios anteriores. Revistas e livros sempre mais especializados vão mapeando todos os recantos onde até há pouco se escondiam os mistérios da vida. De alguma forma se pode afirmar que o código genético já está em grande parte decifrado e o muito que falta não se constitui numa

barreira intransponível, mas num estímulo para sempre novas pesquisas.

Contudo, acentuando ainda mais uma tendência já há muito notada teoria e prática se conjugam numa dialética constante. Isto significa que, a partir dos conhecimentos, são buscados sempre novos instrumentos para atuar sobre o código genético das mais diversas espécies e dos mais diversos seres vivos. Concretamente isto significa ainda que o aprimoramento da genética e da biotecnologia se direcionam sempre mais para experimentos que visam "enriquecer" os seres existentes com novas características, ou até mesmo "moldar" novos seres, ou "ressuscitar" células de seres que morreram há centenas e até milhares de anos. Por mais que se queira exaltar o poder assumido pelos seres humanos de épocas anteriores, o "biopoder" se coloca sem termos de comparação no tempo e no espaço. É por isto mesmo que, para uns, os seres humanos estariam bem próximos de exercer funções outrora reservadas aos deuses, enquanto para outros este momento histórico recorda sempre mais aquela tentação fatal descrita nos primeiros capítulos do Gênesis.

2.3. Agravamento das questões antropológicas, éticas e pastorais

Numa colocação um tanto difusa, mas ao mesmo tempo incisiva, a *Gaudium et Spes* provocou um grande impacto justamente nos fiéis quando, em várias passagens, deixa transparecer que a Igreja não dispõe de respostas prontas para todos os problemas humanos (GS 33; 43). O que ela pode e quer fazer é ajudar a distinguir *o sentido profundo de todas as coisas*. Sob a luz de Cristo, ela pode esclarecer o mistério do homem e cooperar na descoberta da solução dos principais problemas do nosso tempo (GS 10 e 11). Mas ao mesmo tempo que revela o sentido, não deixa de reconhecer a complexidade de toda esta situação, com mudanças de toda ordem. Por isto mesmo é que ela retorna sempre de novo à necessidade do diálogo, seja com as ciências, seja com as demais igrejas, seja com as demais religiões.

Se há quarenta anos atrás, quando pouco se falava de biogenética e biotecnologia, as hesitações já eram profundas, a palavra que hoje melhor traduz as novas hesitações com os avanços da biotecnologia, talvez seja "perplexidade". Esta perplexidade tem antes de tudo suas raízes implantadas no fato da possibilidade da manipulação genética, seja no nível somático, seja no nível germinal. Alterar, com maior ou menor profundidade, o código genético, é algo que deixa todos pensativos, justamente pelas imprevisíveis mudanças no nível antropológico. Se no contexto de alguns anos atrás cirurgias estéticas e implantes já causavam interrogações, a possibilidade de manipulação genética ameaçando derrubar os referenciais que apontam para a natureza, só podem multiplicar estas interrogações. Para deixar mais claro o que queremos dizer convém levantar algumas perguntas neste nível: O que significa ser "produzido" em laboratório, ser bebê de proveta? Os bebês de proveta e demais bebês que vieram ao mundo através da "reprodução assistida" andam por aí e já são relativamente números. O que significa neste contexto "natureza humana"? Mas

as perguntas não se direcionam apenas à embriogênese: elas se levantam também em direção às pessoas adultas: até que ponto, um corpo profundamente transformado pelos expedientes já acima referidos é ainda o "meu" corpo? Até que ponto seres humanos engeinheirados (com alterações de genes) são capazes de gerenciar seus pensamentos, suas emoções e mesmo de suas vontades? Não estaríamos caminhando cada vez mais em direção a uma espécie de robotização global? Diante disto, como trabalhar pastoralmente com seres humanos tão profundamente "tocados" pela engenharia genética, no sentido amplo e no sentido estrito?

3. Olhando para o futuro

Se é verdade que nunca foi fácil desvendar o futuro, muito mais difícil o é hoje, quando não se consegue nem desvendar o presente. A velocidade das descobertas e as informações contrastantes que emergem a cada dia na mídia, tornam temerária qualquer tentativa de entrever o que acontecerá nos próximos anos. Por isto mesmo, não é esta nossa intenção. O que queremos é olhar o futuro que já está aí desenhado, e não aquele que ainda poderá tomar outros rumos. O que queremos é, sobretudo, ver por quais brechas poderemos eventualmente entrar para oferecer uma contribuição específica, a partir de nossa perspectiva de fé e enquanto religiosos e religiosas.

3.1. Biotecnologia: qual a porta de entrada para uma nova inspiração?

Em momentos de grandes viradas históricas, como a que ocorre hoje, coloca-se, de imediato, uma dupla tentação: a primeira é a do derrotismo. A biotecnologia comandada por poderosos grupos econômicos que, como os donos da guerra, não têm nem pátria e nem alma, parece conduzir a humanidade para um fim trágico. O desrespeito total à vida em todas as etapas, mas mormente da vida nascente e para os que se encontram em fase terminal, encontra na eliminação prévia dos portadores de qualquer deficiência sua expressão máxima. Exames ultra-sofisticados de DNA, com uma radiografia totalmente transparente, deixam os pais diante de uma tentação cada dia mais sofisticada: a de aceitar ou não aceitar o bebê que corresponde ou não aos seus desejos? Da mesma forma, aparelhos cada vez mais sofisticados tanto podem prolongar quase que indefinidamente uma vida de pessoas consideradas importantes, como também podem conduzir a uma conclusão contrária: antecipar a morte dos que são considerados pouco importantes.

Até um período relativamente recente, apesar de as práticas não se colocarem sempre em sintonia com as normas, o plano legal e o plano moral que sempre coincidiam: os direitos à vida eram constitucionalmente garantidos tanto para os nascituros, quanto para os moribundos. Isto facilitava em muito a tarefa tanto dos moralistas, quanto dos pastoralistas. Acontece que hoje, através da impropriamente denominada lei de biossegurança, recentemente aprovada pelo Congresso Nacional, houve uma mudança substancial. E já começam os esforços para abrir caminho em direção à eutanásia. Com isto, não só a Igreja institucional se sente colocada à mar-

gem, mas também os teólogos, os pastoralistas e até o representantes da bioética de inspiração cristã. Todos são vistos como representantes do obscurantismo próprio de tempos idos. É neste contexto onde se corre o risco de se tentar estabelecer um diálogo de surdos, que se começa a perceber a importância da bioética, como uma espécie de porta de entrada para um verdadeiro diálogo.

3.2. Bioética: uma esperança

Não só a terminologia, como a própria abordagem da bioética remete para a década de 1970. A bioética não é sinônimo nem de ética, nem de ética profissional (deontologia), e muito menos de Teologia Moral. A bioética tem seu próprio estatuto epistemológico e, portanto, sua identidade própria. Desde seu nascimento ela se constitui numa ciência de caráter pluridisciplinar, que visa promover os valores relacionados com a vida, para além das fronteiras religiosas. Preocupados com o descompasso crescente entre as tradicionais normas da ética médica, os iniciadores deste novo ramo das ciências éticas, tentaram ressaltar a importância de quatro grandes princípios: o da autonomia, o da justiça, o da beneficência e o da não maleficência. Pelo primeiro se visa garantir a dignidade e liberdade das pessoas; pelo segundo, a igualdade de direitos na área da saúde; pelo terceiro e quarto, buscar sempre o bem dos pacientes. Claro que aos poucos os quatro princípios foram se mostrando muito abstratos e por isto mesmo foram sendo enriquecidos por sempre novas leituras, com caráter mais ecológico e social. Claro também que a bioética não passa de uma ciência que, através do diálogo com as várias outras ciências, está buscando caminhos.

Mas é exatamente neste contexto que se abrem boas perspectivas tanto para a ética quanto para a pastoral. É o que reconhece a Encíclica *Evangelium Vitae* (nº 27), quando diz: "particularmente significativo é o despertar da reflexão ética acerca da vida: a aparição e o desenvolvimento cada vez maior da *Bioética* favoreceu a reflexão e o diálogo – entre crentes e não crentes, como também entre crentes de diversas religiões – sobre problemas éticos e, mesmo fundamentais, que dizem respeito à vida humana". Para ser mais claro, não é que os tradicionais princípios da Moral já não sejam válidos: é que a realidade vai se configurando e reconfigurando continuamente. Por isto mesmo, se quisermos atuar sobre ela, deveremos, como já recomendava a *Gaudium et Spes*, articular-nos com quem, no fundo poderá estar buscando a mesma coisa: salvaguardar a dignidade humana desde seu início até o fim. Isto significa duas coisas ao menos: por um lado o reconhecimento de que não bastam apenas nossas tradicionais perguntas e respostas, e por outro, que talvez tenhamos mais parceiros do que poderíamos imaginar: quem não está contra nós está a nosso favor. É exatamente através deste diálogo que, ao mesmo tempo em que transparece mais nitidamente a complexidade das questões, se entrevêem linhas de solução.

3.3. VR: oportunidade excepcional para se recolocar

Conselhos evangélicos são por si mesmos um roteiro da VR em qualquer tem-

po. Mas também é verdade que de acordo com os desafios os mesmos conselhos assumem conotação diferente. Assim, em meio à fartura de alguns e a miséria de muitos, viver a pobreza não é só questão de ser pobre como pessoa nem só como instituição: trata-se de lutar por uma melhor divisão dos bens; em meio a um contexto de consumismo, trata-se de contentar-se com necessário; em meio a um contexto de prepotência do "conluio dos poderosos contra os fracos" (EV, 10 e 12), trata-se de denunciar este conluio e novamente colocar-se do lado destes últimos; em meio a um contexto de brutalização de um mundo violento, trata-se de cultivar a ternura; em meio às tentativas de clonização padronizadora, trata-se de revelar a importância do cultivo das diferenças; em meio à mecanização da vida, trata-se de revelar as maravilhas de cada ser criado, mesmo daqueles que não se enquadrem aos padrões usuais de "normalidade". Enfim, estamos falando de tônicas, mas tônicas importantes. E é neste contexto que, uma vez mais, a VR parece ser chamada para uma missão especial: aquela de abraçar com todas as forças o Evangelho da vida. Como já observávamos num artigo anterior, publicado nesta mesma revista, de alguma forma esta é a grande oportunidade de nós, religiosos e religiosas, recuperarmos um protagonismo perdido (VR: onde se encontra o protagonismo histórico? *Convergência*, set. 2004, 394-405).

A pergunta que se coloca agora a propósito dos quarenta anos da *Gaudium et Spes* é em que consiste exatamente este protagonismo. De maneira muito simples poderíamos dizer que ele consiste, antes de mais nada em estudar mais a fundo esta nova realidade que se apresenta. Manter-se à margem, sabendo apenas aquilo que se ouviu num noticiário sensacionalista e tendencioso, certamente se constitui num pecado muito atual. Aliás, até há quem pergunte pela presença de religiosos e religiosas nos muitos grupos de bioética. Em segundo lugar, na trilha da *Gaudium et Spes* deveremos localizar os sinais dos tempos: positivos e negativos. Entre os positivos certamente está emergindo a procura da bioética. Claro que ninguém pode pensar que ela seja uma espécie de substitutivo do Evangelho ou dos documentos oficiais da Igreja. Nada disto. Até é preciso sinalizar que existem grupos que, em nome da bioética, vão assumindo posições nada éticas. Mas, certamente, desde que devidamente entendida, ela se constitui numa importante ponte para voltarmos a dialogar com o mundo de hoje, ou seja, de 2005, tão marcado pela biotecnologia e pela pluralidade de posições. Em terceiro lugar, o capítulo 10 de São Mateus, onde no contexto da "missão" Jesus alerta para as incompreensões e até perseguições, se apresenta com uma impressionante atualidade. Hoje, no nosso meio, a maneira de perseguir é muito mais sofisticada: simplesmente se ignora a presença da Igreja, ou até se ridicularizam suas posições. Não basta, é claro, repetir sempre a mesma coisa: é preciso um grande esforço de *aggiornamento*, como fez o Vaticano II. Em grande parte se trata de uma questão de linguagem, mas uma linguagem que tanto pode criar barreiras, quanto abrir portas. E naturalmente que quere-

mos abrir portas, sem sacrificar nossa identidade.

Conclusão

Apesar da nova situação e justamente nela, a Igreja sempre deverá mostrar o rosto alegre de quem tem uma boa notícia a dar. Na trilha da *Gaudium et Spes* fica claro que nossa missão não implica nem em mau humor, nem em denúncias iradas. De acordo com o que se dizia naquele contexto, a melhor denúncia é aquela que brota de um bom anúncio. Cerrar os dentes é certamente uma tentação, e não uma virtude. É verdade que os profetas sempre tentaram corrigir rotas. Mas também é verdade que uns obtiveram maior, outros menor êxito. A pergunta que brota espontaneamente é se os que obtiveram melhor êxito não foram justamente os que sempre de novo gritavam: "ânimo, não desanimem...".

É certo que, ouvindo certas colocações eivadas de simplismo e de materialismo no tocante aos saberes da genética e aos poderes da biotecnologia, facilmente se tem a impressão de que nada mais há a fazer: a humanidade parece, novamente, caminhar para um abismo. É nesta altura que entra uma característica muito própria do Evangelho e assumida com novo ardor pela GS: proclamar a certeza de que, apesar de tudo, é preciso esperar contra toda esperança. A experiência histórica nos ensina que a humanidade acaba aprendendo com seus próprios erros; e a fé nos assegura que sempre, e em todos os contextos, é Deus quem preside a história através do segundo Moisés, que é Jesus Cristo glorioso. Sim, é por isto mesmo, que apesar dos pesares, devemos continuar cultivando alegria e esperança.

Antonio Moser é doutor em Teologia Moral, professor de Teologia e autor de vários livros.
Endereço do autor:
Caixa Postal 90023
25689-900 Petrópolis – RJ

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1- Destaque cinco idéias que lhes parecem importantes. Por que?
2- Destaque cinco pontos que deveriam ser melhor explicitados.... Explicite seu pensamento, buscando luzes na *Gaudium et Spes*.
3- Busque leituras complementares, que eventualmente se encontram indicadas no livro do Autor, *Biotecnologia bioética: para onde vamos?*; Vozes, Petrópolis, 2004.

Aspectos antropológicos da oração

Ir. Paulo Dullius, fsc

1. Introdução

A oração consiste numa presença dialogante com Deus, quer através de palavras, quer através de presença contemplativa, ou outra similar. Neste encontro participam: a pessoa de Deus, a minha pessoa, e uma linguagem ou processo de comunicação. O objetivo central da oração é continuar a aprofundar a experiência do amor dEle para conosco, desde toda a eternidade, e concretizado no tempo a partir de nossa concepção. Consiste ainda em saber e assumir a vontade dEle em relação a mim ou em relação a um grupo, para um tempo breve, mais longo ou para toda a vida. Dali a diferença na profundidade e no tempo da oração. É que este discernimento requer a capacidade de entrar em contato com Deus de modo objetivo e ficar diante dele num tempo suficiente capaz de atingir em profundidade nosso coração, para, depois, compreender bem, e compreendendo, decidir realizá-la. A oração de Jesus no Getsêmani é um ótimo exemplo deste processo. A oração pode receber diferentes nomes segundo o tipo e o grau de profundidade. Os graus de profundidade dependem bastante dos níveis em que ela dominantemente se expressa. Assim, por exemplo, uma oração de repetição de fórmulas feitas, caminhando, rodeado de estímulos regressivos e pouco sagrados, de rumores e de exterioridades... é menos profunda do que uma oração silenciosa, atenta, dialogal, com postura física correspondente e dentro de um ambiente que facilita a percepção do sagrado; ou seja, num ambiente que em seu todo é místico. Quanto aos tipos, ela pode ser individual, comunitária, rezada ou cantada, mais falada ou mais contemplativa. Quanto ao conteúdo, pode expressar as mais variadas vivências tanto pessoais quanto comunitárias, tanto as de ontem quanto as de hoje ou de amanhã; pode expressar desejos, sentimentos, valores... Outra forma de compreender a oração é ver seu conteúdo como tal, podendo ser de agradecimento, de adoração, de petição. Na estruturação de nossa oração uma ou mais variáveis destas estão presentes, mas em geral, há uma dominância de um conteúdo e nível sobre outros.

Para tratar o tema dos *aspectos antropológicos da oração* precisamos refletir e analisar em qual nível humano e em qual conteúdo (foco) essencialmente ela se situa e centraliza: em Deus, na pessoa ou nos outros. Isso nos pede uma análise dos níveis que constituem a pessoa, e nelas a oração. É importante, também, ver como a oração se expressa nos diferentes níveis para, depois, avaliar ou ler o tipo de linguagem usada numa determinada cultura. Importa ver alguns símbolos ou posturas que se usa, mas avaliados dentro dos três níveis. Na linguagem usada, a expressão significativa do tempo litúrgico e do dia são variáveis importantes porque fazem a unidade entre a linguagem usada e a predisposição afetiva da pessoa neste determinado momento do dia.

2. A oração como explicitação do nível espiritual

Quando se olha a pessoa em seus diversos níveis constitucionais e estruturais, verifica-se que há aspectos ou realidades ligadas a seu físico, à sua dimensão corpórea, explicitadas num corpo masculino ou feminino, o qual explicita certa forma de presença e comunicação. É através dele que entramos por primeiro em contato com a pessoa, porque a vemos, a sentimos... Pode-se perceber outro nível, o nível psíquico, no qual a pessoa pensa, sente, se comunica e usa o físico como veículo de comunicação, mas já é mais deduzido, percebido em outro nível. O físico já não é o centro. Em geral não é difícil perceber os sentimentos da pessoa ou compreender o que ela quer, uma vez que se compreenda e conheça a pessoa e se entenda a linguagem usada por ela. Outro nível é o espiritual, de maior dificuldade de percepção, muitas vezes deduzido a partir do físico e psíquico, mas que coloca um sentido geral em nosso ser e fazer. É o nível mais abstrato e global. Cada nível tem uma abrangência de comunicação específica. O nível físico tem sua abrangência estabelecida pelo físico e pelo alcance dos sentidos. O nível psíquico segue a lógica espácio-temporal a partir do significado emocional, podendo, portanto, ultrapassar os umbrais do aqui e agora, para atingir até mais do que a própria vida em duração. No nível espiritual, entramos na própria área da eternidade, de Deus, do amor. A oração, enquanto tal, expressa ou se situa neste terceiro nível, sobretudo quando olhamos seu conteúdo enquanto tal. Portanto, é importante sempre pensar na dimensão do amor e da eternidade quando oramos. Deus é espírito e é com Ele que nos comunicamos através da oração. A oração pode ter e tem conteúdos da pessoa como um todo e, por isso, ela passa pela mediação do psíquico e do físico. Qualquer conteúdo é passível de ser objeto de oração. Na oração profunda, quando realmente se está na área espiritual, a lógica psíquica e física precisam ser canais visíveis do espiritual. Neste sentido, não é secundário o conteúdo da linguagem, nem as posturas físicas, nem menos ainda os símbolos usados, pois podem facilitar ou dificultar a oração. Enquanto área espiritual, a oração sintetiza numa única experiência, as forças emocionais, intelectuais e volitivas. Precisamente por isso ela pode transformar a pessoa, ou seja, dar-lhe nova estrutura cognitiva porque a experiência é profunda e com isso ela fica inteligível, e desperta o autêntico desejo de seguir concretizando a experiência vivida. Para que a oração seja melhor, se requer também no nível psíquico que o afeto, a inteligência e a vontade estejam orientados e configurados a partir do conteúdo espiritual em questão. Pelo fato de termos outras variáveis e outros níveis, nem sempre se pode ter a certeza de estar dominantemente no nível espiritual, mesmo que o conteúdo seja tal. Isso aparece bem nas orações comunitárias, e nas liturgias. Muitas delas são dominantemente centralizadas no nível psíquico, quando seu conteúdo está no nível espiritual. Na contemplação, a pessoa sente tudo junto: sentimentos, compreensão e vontade de realizar algo e aderir àquilo e Àquele que contempla. É que na experiência profunda de oração, Deus é plenamente percebido e experimentado.

3. Focos diretivos da oração

Dependendo do lugar onde centralizamos a oração, ela tem características distintas. Todas elas incluem conteúdos intrínsecos próprios, ou seja, são aspectos antropológicos: Deus, eu, os outros.

Quando colocamos o próprio **Deus** como alvo ou centro referencial de nossas orações, de nosso diálogo, em geral desenvolvemos uma presença e uma atitude de agradecimento, de louvor, de adoração, de admiração, de contemplação, de amor. Uma pessoa assim se expressava ao chegar na área espiritual seguindo a luz e vendo Jesus: *"Eu me inclino,... me ajoelho,... eu adoro..."* Por que isso? Porque está diante da grandeza de Deus, está diante do amor total. A consciência desta presença leva a estas formas de expressão da oração, ainda que com poucas palavras. Falamos diretamente com Deus sobre Ele mesmo, assim como o percebemos e o que ele significa para nós. Neste enfoque entram igualmente as três potencialidades, sobretudo o coração.

Quando rezamos a Deus, mas olhamos especialmente para **nós (focalizar em si mesmo)**. Este **nós** refere-se aos que estão em oração, portanto pode ser uma pessoa ou um grupo maior ou menor. Aparecem mais atitudes e orações de humildade, de alegria, de simplicidade, pedidos de perdão, de pedidos de ajuda e de vontade de corresponder a seu amor e desígnio para conosco..., pois nos comparamos a Deus, olhamos sua perfeição e nossa imperfeição, e nosso desejo de ser mais como Ele que continua nos amando com um amor total, independentemente do que somos e fazemos. Neste momento falamos a Deus sobre nós mesmos, daquilo que somos e fazemos. Esta oração pode ser tanto pessoal quanto de grupo, mas o referencial inclui todos os que estão rezando neste presente momento. Aqui contemplamos o coração e a vontade de ser melhores que até o presente momento.

Pode ser também que nos colocamos como intermediários e solidários, como mediadores daqueles que não estão fazendo oração aqui e agora, em relação aos fatos e da realidade mais ampla. Centralizamo-nos nos **outros**. Numa oração onde o outro é o centro de atenção, tendemos a fazer orações de misericórdia, de louvor, de agradecimento, de intercessão, de perdão... Jesus tem feito várias delas diante de situações negativas e de não-acolhida do Reino de Deus por parte do povo judeu, bem como de alegria porque a compreensão do Reino estava crescendo. "Eu te louvo, Pai, porque os pequenos e humildes compreendem tua mensagem e a acolhem". No Antigo Testamento nos é conhecido como Moisés tem feito várias orações tendo por objeto o povo. Neste modo de orar privilegiamos a vontade e a inteligência.

4. Expressões de oração e os níveis da pessoa

Quando alguém reza num nível mais profundo, ele entra na dimensão ou no nível espiritual. Neste nível as palavras e os gestos diminuem, é mais silenciosa, é um diálogo com um mínimo de manifestações externas. É o *estar diante de*. Evidentemente, neste nível, o corpo não pode estar em grande e rápido movimento, pois nossa atenção se concentra fora de nós; o psíquico se pronuncia e se expressa menos. Os Evangelhos nos apresentam vários casos onde Jesus orava profundamente: o físico estava prostrado, sozinho, em lugar

retirado, as palavras são poucas e até repetitivas, mas o diálogo com o Pai é claro, preciso, de escuta e de acolhida da sua vontade. Até se poderia dizer que neste nível a pessoa precisa rezar sozinha, ou todos fazerem o mesmo gesto em profundidade, confiando e percebendo os sentimentos profundos que há em cada um que está ali, tais como paz, tranqüilidade, alegria, concentração e empatia.

A nível psíquico, os sentimentos já são mais expressos, são mais partilhados, e pode-se falar muito de um "nós". São as palavras, os gestos, os sentimentos, o ambiente de acolhida e também a percepção nítida de uma intencionalidade expressa ou implícita que é comum. Quando não há este clima afetivo, ainda se está dominantemente no nível psíquico, mas participam poucas potencialidades e, por isso, carece de força transformadora. Individualmente também podemos rezar e usar essencialmente o nível psíquico quando usamos fórmulas feitas e as recitamos com pouca concentração. Nossas orações comunitárias em geral são dominantemente psíquicas: começamos juntos, rezamos as mesmas fórmulas, ouvimos a voz do outro, captamos seus sentimentos, e a expressão é descritiva e não tanto dialogal: *Louvemos a Deus porque ele fez maravilhas com seu povo.* É uma expressão de conteúdo espiritual, mas de características psíquicas. Alguns passos da meditação segundo o método "Tua Palavra é Vida" entram neste nível, sobretudo os dois primeiros passos. Estes ainda não são bem oração, mas convite à oração, ou seja, são reflexões de conteúdo espiritual, mas não é diálogo com Deus. O terceiro passo é intermediário entre o nível psíquico e espiritual, pois temos expressões dominantemente psíquicas, mas são um diálogo com Deus. O quarto passo é dominantemente espiritual. Diminuímos as palavras, olhamos e estamos diante de Deus ou de seus mistérios que dominam o afeto, para depois compreender e, finalmente, decidir configurar-nos com aquilo que contemplamos.

Quando tratamos do físico, olhamos essencialmente a postura física, tanto em seus gestos como no trajar. Olhamos ainda a adequação do local e o conteúdo correspondente. Para caracterizarmos alguns conteúdos usamos diferentes posturas que, a um tempo, são reais e antropológicas, e em outro, são simbólicas. Não necessariamente são apenas culturais ainda que dependam das experiências particulares de cada um e dos respectivos grupos. Eles seguem uma lógica universal, isenta de certa ambigüidade. É que a pessoa está voltada para a verdade que é Deus, e a sua semelhança repercute nas suas formas de expressão e comunicação. Neste nível físico entra também a importância do ambiente externo: um ambiente que é transparente do sagrado, ou seja, que retrata símbolos e características espirituais. Importa dar-se conta que os gestos e posturas corporais são diversos segundo o nível em que a pessoa dominantemente está e dependendo da cultura em que vive e o nível de maturidade humana. Os gestos ou posturas físicas também são distintos para aquele que quer expressar-se no nível espiritual ou no nível psíquico.

Convém dizer também que a linguagem usada para a oração é um bom indicador do nível de profundidade dela, bem como do conteúdo expresso nela, e ainda, do tipo de oração. Cada qual pode usar vários con-

teúdos, tipos e níveis numa mesma oração, o que com freqüência sucede. Isso quer dizer que de vez em quando pode-se tomar um conteúdo, como por exemplo, o agradecimento, e rezá-lo nos diversos focos, como em Deus, em nós, nos outros. Pode-se incluir no mesmo conteúdo, insistindo num ou em todos os níveis. Isto permite-nos fazer as várias combinações: nível físico, em relação a um determinado conteúdo e os três focos diretivos; nível psíquico, e tomar um conteúdo e vê-lo nos diversos focos diretivos; finalmente, o nível espiritual e também tomar determinado conteúdo, para vê-lo e rezá-lo nos diferentes focos diretivos da oração. Sempre é bom recordar que de tempos em tempos precisamos fazer oração envolvendo o maior número de variáveis antropológicas, seja no conjunto da oração seja tomando seqüencialmente um determinado conteúdo nos diversos níveis e focos da oração.

5. Oração individual e comunitária

A oração num nível mais espiritual é dominantemente individual. A oração no nível psíquico se presta para ser mais comunitária. Uma liturgia, em geral, prevê formas que contemplam toda a pessoa: levantar-se, sentar-se...(nível físico); ritos orais, gestos, expressão de sentimentos e pensamentos, partilhas...(nível psíquico); e concentração, silêncio, reflexão, comunhão com a divindade...(nível espiritual).

A oração individual respeita a forma pessoal de entrar em contato com Deus, e por isso não é possível viver sem alguma forma profunda de oração individual. Ter um lugar e tempo próprio e pessoal para esta oração é importante. A oração comunitária expressa a unidade na diversidade, a forma partilhada da comum filiação com Deus celebrada na comunidade. Também esta oração é indispensável. Pelo fato de muitas vezes não conseguir ser tão profunda, poderia receber menos apoio, mas ela contribui na manifestação de outras variáveis da vida humana que de tempos em tempos precisam ser contempladas.

Os aspectos pessoal e comunitário explicitam aspectos antropológicos, uma vez que a dimensão comunitária é uma das características humanas e precisa manifestar-se também no nível espiritual. A oração pessoal expressa a peculiaridade do diálogo de cada qual com Deus.

6. Oração de Jesus

Jesus orava. Participava das celebrações litúrgicas na comunidade. Na oração preferia um encontro pessoal com o Pai. Há certas características na oração de Jesus que se precisa atender, e que são uma forma e conteúdo iluminadores de nossa oração:

* Jesus vivia em contato com o povo e só se retirava sozinho quando era para rezar.
* Jesus rezava mais profundamente diante de situações onde não sabia bem como agir, nem qual era a vontade do Pai em relação a ele. Rezava até conhecê-la e até assumi-la. Não era, portanto, o tempo que contava, mas o conteúdo e a qualidade. Por isso ela protegia Jesus das tentações de falsos messianismos. Por isso também não errava. Em alguns textos se lê que ele estava *repleto* do Espírito Santo. Assim, não havia lugar para indecisões e erros.
* O conteúdo da oração de Jesus era a realidade na qual estava agindo e vivendo: missão e reações das pessoas diante da acolhida do Reino. Como foco de sua

oração, podemos ver que reza ao Pai tendo-o como centro, reza de si ao Pai, e reza pelos outros.

* Sua oração era de celebração do acontecido, ou antecipatória daquilo que devia acontecer. Exemplo da primeira temos em sua oração após a multiplicação dos pães. Exemplo da segunda, em sua oração no Getsêmani.
* Jesus rezava com todo seu ser. Pelas descrições de sua postura física, pelas palavras que nos são registradas no Evangelho, Jesus rezava essencialmente a partir e dentro do nível espiritual. As reações e repercussões no físico e no psíquico de sua oração no Getsêmani são-nos conhecidas pelas narrações do Evangelho.

7. Conclusão

A oração é um encontro com Deus, individual ou comunitário, em que se celebra o amor e a vontade de Deus aqui e agora. É, portanto, uma forma de discernimento: da grandeza de Deus, de sua presença no mundo, daquilo que se fez, daquilo que não se fez e daquilo que se quer fazer em nome dEle. Ela é de natureza essencialmente espiritual, mas se expressa também no nível psíquico e físico. A linguagem e os símbolos – dentro das nuanças culturais – são os mediadores do conteúdo, do tipo de oração, bem como do grau de sua profundidade. O que se quer é que haja uma coerência interna nos diferentes níveis, de tal sorte que olhando a postura física se conheça que a pessoa está rezando, que estando em determinado lugar, este transpire a dimensão espiritual. O mesmo eqüivale à dimensão psíquica: olhando os gestos, as palavras, os sentimentos... que se possa ter clareza que o conteúdo expressa a dimensão espiritual. Neste sentido, as orações nos diferentes momentos do dia e do ano, sintetizam a simbologia espiritual. Muitos hinos litúrgicos ligados a momentos do dia ou do tempo, facilitam a compreensão daquilo que se quer que aconteça. Jesus Cristo é para nós um modelo de oração. A análise das variáveis presentes em sua oração nos ensina a rezar como convém rezar ao Pai.

O autor é membro da Equipe de Reflexão Psicológica (ERP) da CRB. Tem licenciatura em filosofia, bacharelado em Teologia, mestrado em psicologia e doutorado em filosofia (Antropologia Filosófica).
Endereço do autor:
Rua Honório Silveira Dias, 636
Bairro São João
90550-150 Porto Alegre – RS

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1- Em geral, quais os focos da oração que mais usamos: em mim, em Deus, nos outros?
2- Como consideramos a unidade dos vários níveis presentes na oração?
3- A oração a nível espiritual tem presente os grandes temas de oração presentes na oração de Jesus?

Luzes do 11º Intereclesial das CEBs

Do Vale do Aço, em Minas, para o Mundo e para a Vida

Frei Gilvander Moreira, OC

"Peneiramos aqui, / peneiramos ali, / misturamos fé e vida, / vamos prosseguir. Uai, uai, uai é o décimo primeiro; uai, uai, uai, com seu jeito bem mineiro." (Hino do 11º Intereclesial das CEBs – nova versão)

1) O quê e onde?

O **11º Intereclesial das CEBs** – Comunidades Eclesiais de Base – foi um evento histórico para o Vale do Aço, para Minas Gerais e para o Brasil. De 19 a 23 de julho de 2005, em Ipatinga/MG (e Cel Fabriciano, Timóteo, Ipaba e Santana do Paraíso). Teve como tema Espiritualidade Libertadora. E como lema Seguir Jesus Cristo no compromisso com os Excluídos.

No Vale do Aço, um mar de luzes se acendeu na celebração de abertura do 11º Intereclesial das CEB's, na noite de 19 de julho. Era o anúncio de que mais de 100 mil CEBs brilham iluminando as lutas libertárias no Brasil. No final da celebração, com o milagre da multiplicação de pães-de-queijo, servidos com muita fartura, para uma multidão de mais de 15 mil pessoas, entrevíamos a partilha e o compromisso das CEBs co(in)spirando a construção de "Um Outro Brasil", justo e solidário e, também, construindo uma Igreja mais democrática e inclusiva.

2) Origens das CEBs

As CEBs têm uma origem próxima e uma origem remota; são um jeito muito moderno e muito antigo da Igreja de ser Povo de Deus, a mais bela intuição do Concílio Ecumênico Vaticano II.

Olhando mais longe, na história, podemos dizer que, em última instância, as CEBs são filhas de Abraão e Sara, um casal de sem terra que entrou para a história como pai e mãe de três religiões monoteístas: o Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. As CEBs estavam sendo gestadas já no movimento das mulheres[1] e das parteiras[2] do Egito, quando, por volta de 1200 a.C., fizeram greve e promoveram desobediência civil, diante de um Decreto-Lei (ou Medida Provisória) de um faraó que dizia: *"Se a criança, que estiver nascendo, for homem, mate-a"*. Com essa postura corajosa e profética, as parteiras viabilizaram o nascimento de muitas crianças, entre as quais Moisés, um dos libertadores do povo hebreu das garras do

[1] O livro do Êxodo registra o nome de doze.

[2] A Bíblia, sabiamente, registra o nome de duas: Séfora e Fuá.

império dos faraós. As CEBs nasceram no Movimento de Jesus de Nazaré que, ao optar pelos pobres e excluídos, testemunhou um jeito de viver libertário. As CEBs estavam na origem do Cristianismo, nas Primeiras Comunidades Cristãs que, sob a liderança dos Helenistas[3] e das mulheres, foram, de casa em casa, vivenciando o projeto do evangelho de Jesus, que é boa notícia para os pobres, melhor notícia para a conversão dos opressores.

Na história mais próxima, da Igreja no Brasil, podemos dizer que, nascidas na década de 60 do século passado, as CEB´S foram um celeiro de vocações libertárias, políticas e sindicalistas, uma sementeira de movimentos populares e de pastorais sociais (como a CPT, CIMI, Pastoral Operária, Pastoral da Mulher Marginalizada, da Criança, do Povo de Rua, etc). Grande parte das lideranças do PT (lamentamos que muitos tenham perdido essa referência) e do sindicalismo combativo nasceram nas CEBs. O MST é também devedor das CEBs.

3) Tamanho do 11° Intereclesial

Eis alguns números do 11° Intereclesial, que revelam a magnitude do Encontro Nacional das CEB´s: 3.806 participantes, dos quais 3.219 eram representantes de CEB´s de todo o Brasil, 112 assessores, 89 indígenas representantes de 32 povos indígenas[4]; aproximadamente 3.000 leigos e leigas, 420 religiosas e religiosos, 380 padres, 50 bispos católicos e 2 bispos anglicanos. 70 pessoas vindas de outros países, 288 convidados, 48 pessoas de outras onze Igrejas cristãs, das quais 23 eram pastoras e pastores. O 11° Intereclesial acolheu também membros de outras religiões e culturas afro-brasileiras. A festa da fraternidade tornou-se ainda mais vibrante, com a presença de milhares de participantes das comunidades locais, associando-se nas grandes celebrações e nos momentos culturais e festivos. Mais de 2.000 famílias abriram portas, lares e corações e acolheram, com alegria, todos os 3.806 representantes ao 11° Intereclesial. Muitas outras famílias presentes nas celebrações inicial e final, diziam: *"Se tivesse mais participantes, seria um prazer acolhê-los em nossas casas e corações."*. No trem das CEBs, há muitos jovens que vivem em comunidades. Jovens que estão caminhando com as CEBs na construção da Nova Sociedade. Isto ficou demonstrado pelo alto índice de jovens no Intereclesial e também no Acampamento Igreja-Jovem, montado no Parque Ipanema, ao lado do encontro das CEBs. Eram 250 jovens de 23 dioceses do Regional Leste II (MG e ES).

Nos dias de hoje, ante o temor da violência, é preciso celebrar o fato da acolhida sem tabus, sem medo do novo. Ao chegar às casas das famílias, os participantes recebiam imediatamente as chaves da casa e ouviam: *"Sintam-se em casa. Vocês são convidados de honra que trazem bênção e*

[3] Os sete escolhidos para anunciar a palavra e para exercer a solidariedade sem discriminar ninguém – Estevão, Filipe,.... Também faz parte dos Helenistas os apóstolos Barnabé, Paulo, os missionários Silas e João Marcos e muitas mulheres, tais como Lídia, Tabita, Rodes,...

[4] Os povos Pira Tapuia, Guajajara, Pankararu, Terena, Tembé, Xucuru de Ororubá, Kariri, Pataxó Hã Hã Hãe, Tapirapé, Tupinikim, Guarani Ñhandeva Kaoiwá M'biá, Pataxó, Kaingang, Macuxi, Pitaguari, Poruborá, Canoé, Xerente, Rikbatsa, Wapixana, Sateré- Maué, Ticuna, Karipuna, Paakas Novas, Maxacali, Jenipapo Canindé, Galiby-Maroworno, Tabajara, Potiguara, Tupinambá e Calabaço.

paz. Com a visita de vocês, Deus nos visita.". Mais de 2.000 pessoas, boas samaritanas, atuaram, como voluntárias, nas 14 equipes de serviço. Muito mais gente gostaria de participar, mas as vagas foram limitadas a 3.806 por motivos de infra-estrutura. É bom recordar que o 1º Intereclesial, há 30 anos atrás, contou com a participação de apenas 70 pessoas. Do 1º a 11º, o crescimento tem sido gradativo. Os inter-eclesiais acontecem em estilo de um grande mutirão. As CEBs da diocese de Janaúba/MG, por exemplo, trouxeram um caminhão carregado de banana e 30 sacos de feijão (= 1800 quilos).

4) Qual método?

O encontro seguiu a metodologia da reflexão em três etapas: VER (1º dia), JULGAR (2º dia), AGIR (3º dia) e CELEBRAR (em todos os dias e durante todo o Encontro). Em alguns momentos, todos estavam na grande plenária, batizada de "Estação Geralda Procópio". Em outros momentos, os participantes foram distribuídos em seis plenárias, chamadas de "Locomotivas", com quase 700 participantes cada uma. As 06 locomotivas, em vários momentos, dividiam-se em 06 "Vagões" com mais de 100 participantes. Os 06 vagões subdividiam-se em grupos de 15 a 20 participantes. Assim todos podiam participar ativamente das discussões.

5) Espiritualidade Libertadora

Enfatizou-se que Espiritualidade Libertadora é o Espírito de Deus (*ruah*, em hebraico; *pneuma*, em grego) que envolve, permeia e perpassa toda a Criação. Tudo é banhado pela mão amorosa de Deus. É o sopro de vida, de liberdade, de profecia, de abertura ao outro. Enfim, é a paixão, o élan, que nos move a sermos cidadãs e cidadãos do Reino de Deus a partir de agora e aqui na terra. Espiritualidade Libertadora não é espiritualismo. As CEBs cultivam essa espiritualidade em contrapartida aos espiritualismos vendidos como espiritualidades. Basta lembrar o espiritualismo da idolatria do mercado que reduz as pessoas a meros consumidores. Há fundamentalismos que injetam dogmatismos rompendo a beleza da diversidade. Há (neo)pentecostalismos que esvaziam a fé cristã da sua força histórica. Desencarnam e volatilizam a ação de Deus em nossas vidas.

Deus não é transcendente, mas transdescendente. Apaixonou-se pela humanidade, largou o céu e armou sua tenda em nosso meio, a partir dos pobres. Não somos só imanentes, mas imanotranscendentes. Temos vocação para desenvolver o infinito potencial de humanidade com o qual chegamos a este mundo. Quanto mais sujamos nossas mãos nas entranhas da história pelo esforço de transformá-la e confraternizá-la, mais estaremos cultivando nossa dimensão espiritual.

6) Que sabedoria é essa?

No 11º Intereclesial das CEBs, o que mais expressa a alegria dos participantes é a música: "*Que sabedoria é essa, que vem do meu povo? É o Espírito Santo agindo de novo*". Dom Tomás Balduíno, presidente da Comissão Pastoral da Terra, bradou com júbilo: "*Este é o dia que Deus fez para nós. É um grande Pentecostes. Após um longo tempo de inverno, a primavera está sendo gestada. O que revoluciona é o trabalho molecular que está*

*sendo feito pelas CEBs e pelo Movimento Popular, um grande rio que irriga todo o tecido social do Brasil. As CEB´s são o Reino de Deus no nosso meio".*José Genesi Cristóvão, membro das CEBs de Tabira/PE, inspirado pela reflexão em uma das plenárias do 11º Intereclesial, revela, através da poesia, a utopia e o que se encontra nas CEBs: *"Que o 11º sirva / Pra nos guiar na força e fé / Que alimente a resistência / que a espiritualidade quer / para seguir o caminho / de Jesus de Nazaré. É nas CEBs que se constroem / Paz, amor e comunhão / fraternidade e partilha, / irmão ajudando irmão./ E uma espiritualidade / que nos convoca à liberdade / de viver a salvação.*

7) Carta Final do 11º Intereclesial

Da Carta Final, o documento do 11º Intereclesial às CEBs, podemos destacar para todo o Brasil e para sociedade em geral: "Acreditamos na vocação profética das CEBs, contribuindo para que a Igreja em suas estruturas se torne mais circular, colegiada, acolhedora, inclusiva nas suas relações de gênero como propusemos no X Intereclesial em Ilhéus: "Sonhamos com uma Igreja participativa, toda ministerial, unida no respeito à diversidade missionária, uma Igreja mãe, acolhedora, defensora dos pobres e excluídos, aberta aos novos desafios. Uma Igreja onde o poder seja mais partilhado, abrindo espaço para a participação das mulheres em todas as suas instâncias de serviços e decisões". Vale lembrar que "80% da vida das comunidades estão sob a atuação das mulheres. Queremos participar da plenitude dos ministérios da Igreja. Parece ser contra o Espírito, a Igreja Católica não permitir a inserção das mulheres. Queremos uma Igreja descentralizada", cobra Ir. Julieta Amaral.

Os quase 4.000 representantes das CEBs, nos debates, e, também através da Carta Final do 11º Intereclesial, se posicionam profeticamente diante da crise política e criticam com veemência o modelo econômico neoliberal: *"Conscientes do nosso compromisso com a transformação do Brasil, reafirmamos o nosso apoio ao projeto que sonhamos para nosso país, projeto que ajudamos a construir e destinado a incluir tantos irmãos e irmãs sem vez e sem voz. O atual modelo econômico é intolerável. Ele subordina nosso país ao capital financeiro e desestrutura nossa sociedade. É urgente o esclarecimento dos fatos de corrupção política ocorridos no atual governo e nos anteriores, punindo-se exemplarmente os responsáveis. Exigimos o restabelecendo da transparência e da ética na esfera política e social. Comprometemo-nos a seguir somando forças com os movimentos populares, sindicais e outras instituições da sociedade civil e a nos mobilizar para mudarmos esta situação, engrossando o mutirão "Por um Novo Brasil", a que nos chama a IV Semana Social Brasileira."*

8) Clamores, luta e festa

Como povo da caminhada, ouvimos o clamor vindo de muitos lugares deste imenso país, expresso no grito profético do povo Pataxó: "Nós precisamos da terra, para viver na terra, para trabalhar com paz e justiça" (Zinha, Pataxó, Bahia). Ouvimos o grito das pessoas com necessidades especiais, cujos clamores provocaram em nós o desejo de mudança e nos fizeram pedir perdão, orar, e nos comprometer com a suas causas. Fizemos memória de tantas outras

testemunhas que sofreram o martírio por encarnarem a Espiritualidade Libertadora. Só em 2004, foram assassinadas 35 lideranças que lutavam pela Reforma Agrária. Assim como Irmã Dorothy, os/as mártires esperam que estejamos com o povo pobre, na hora da luta e do perigo!

As CEBs ajudam o povo a passar da consciência ingênua para a consciência crítica e criativa e jogam lenha na fogueira do movimento popular. São fermento, luz e sal. Da massa da população brasileira, as CEBs formam um povo: grupo consciente e organizado que tem um projeto de vida que inclua todos e tudo. Estão na arena das lutas. Não ficam sentadas na poltrona, vendo a banda passar. As CEBs são uma maneira de se perceber que a Igreja cristã vem das bases.

As CEBs lutam não apenas para incluir os excluídos no atual sistema excludente. Não queremos continuar jogando gente dentro da grande máquina de moer vidas que é o sistema capitalista (neoliberal). Lutamos pela superação deste sistema e pela construção de um outro modelo de convivência social, político, cultural e religioso que seja realmente inclusivo, ecumênico, democrático e sustentável ecologicamente.

No dia 22 de julho, uma tarde orante, no parque ao lado do Ginásio 07 de Outubro, aproximou-nos da mãe terra, da água, do verde e da memória dos mártires. Carregamos o Círio de Nazaré da nossa mãe Maria, companheira constante na caminhada das CEBs. E, em uma noite de lua cheia – não podia ser diferente –, tivemos o *L'uai* das CEB's com apresentações culturais. Emocionou-nos a apresentação do povo negro, trazida pela *Família Alcântara* e Banda *Forró no Escuro* dos deficientes visuais, de Belo Horizonte.

9) Mensagem dos bispos

Os 52 bispos presentes no 11º Intereclesial, além do testemunho de suas presenças, dedicaram uma mensagem ao povo das CEBs, em que dizem, entre outras coisas: *"Testemunhamos a importância das CEB's na vida da Igreja e da sociedade. As CEBs foram gestadas no contexto do Vaticano II. Amadureceram e se multiplicaram no Brasil, na América Latina e Caribe, sendo lugar de evangelização e promotoras de libertação, segundo as orientações das Conferências episcopais de Medellín (1968), Puebla (1979) e Santo Domingo (1992). Entendemos que as CEB's têm hoje grande missão a cumprir, conforme o Documento 25 da CNBB (1985): Comunidades Eclesiais de Base. O 11º Intereclesial das CEB's reafirma que a Igreja deve ser Povo de Deus, incentiva a prática da comunhão e participação; impulsiona a evangelização libertadora, com uma visão ecumênica e aberta ao dialogo inter-religioso e faz memória dos nossos mártires. Lamentamos a ausência da mídia católica televisiva, não dando destaque a este evento, ato importante para a nossa Igreja Católica. Nós nos comprometemos a encaminhar para nossas dioceses as aspirações levantadas a partir das reflexões em torno da temática do encontro, "espiritualidade libertadora", e do nosso apoio a todos e todas que se colocam a servir Jesus Cristo na opção pelos excluídos. Pedimos aos irmãos no episcopado que apóiem as CEB's de maneira corajosa; orientem os padres, seminaristas e agentes de pastoral para que assumam sua caminhada."*

10) Povos indígenas denunciam

Os 32 povos indígenas representados no 11º Intereclesial, com a participação profética do CIMI – Conselho Indigenista Missionário –, em um documento intitulado "Pelo fim da violência contra os povos indígenas e pela demarcação de suas terras", denunciaram as muitas mortes acontecidas em vários povos indígenas, neste ano, e, mais recentemente, os brutais assassinatos de Dorival Benites, do povo Guarani Kaiowá, no Mato Grosso do Sul; as duas lideranças indígenas do povo Truká, em Cabobró-PE e do cacique João Araújo, do povo Guajajara, no Maranhão. Deixaram todos com grande dor no coração ao falar da morte de dezenas de crianças dos povos indígenas Guarani Kaiowá e Guajajara, por desnutrição e fome. Ficamos profundamente comovidos e indignados com a notícia de dezenas de suicídios entre os nossos parentes indígenas, especialmente de jovens, por não encontrarem razões para acreditar no futuro de seus povos. *"A gente era educado para ter medo do índio, eles eram chamados de bichos bravos, como animais. Hoje vemos que grande parte do que somos vem deles. Os indígenas nos ensinam a tratar a terra como mãe, sagrada e viva. Assim como os negros, os indígenas vêem sacralidade em toda a natureza e são mestres que nos ensinam a ter encantamento, veneração e respeito por todos e tudo"*, afirmou um dos participantes.

Indígenas e missionários reafirmaram a convicção de que a aproximação com os povos indígenas precisa ir além do discurso. *"A gente precisa ser respeitado. É preciso que neste encontro, e depois, se fale sobre os crimes que estão acontecendo nas terras indígenas. Precisamos de apoio para a demarcação das nossas terras. A gente não veio aqui para enfeite, e o que a gente fala não pode ficar aqui ou só no papel. Qual o compromisso das CEBs com as nossas reivindicações, com os povos indígenas?"*, questiona Itamar Guajajara, que veio do Maranhão. *"Vivo em um município que tem 66% do território como terra indígena. Nunca se convidou um índio para participar da Assembléia Paroquial"*, desabafou uma indígena.

11) Tenda da Ecologia

Uma grande novidade no 11º Intereclesial foram as **36 Tendas de Troca de Saberes**, inspiradas na experiência do Fórum Social Mundial. Foram articuladas em seis eixos: 1) CEBs e Espiritualidade Libertadora; 2) CEBs: a Dignidade Humana e a Promoção da Cidadania; 3) CEBs e Via Campesina; 4) CEBs e a Construção de Um Outro Mundo Possível; 5) CEBs e a Formação de Um Novo Sujeito; 6) CEBs e Educação Libertadora.

Com a participação de mais de 100 pessoas, a TENDA DA ECOLOGIA, em um clima de mística ecológica, partilhamos e refletimos acerca de dezenas de experiências que demonstram que a CEBs agem também ecologicamente. Vimos que a terra é nosso corpo; a água, nosso sangue; o ar, nosso sopro; o fogo, nosso espírito. Invocamos Francisco de Assis que nos inspira a ver todas as criaturas como irmãs e irmãos. Percebemos que fazemos parte de uma grande comunhão holística. Nossos corpos são um universo de átomos, células e moléculas constituídas dos mesmos elementos das estrelas. Os órgãos dos nossos corpos se relacionam de forma ecológica. Es-

tão sempre estabelecendo relações de parceria, de complementariedade, de solidariedade e de co-responsabilidade. Nosso corpo pessoal pertence ao corpo social que por sua vez pertence ao corpo universal.

Não estamos fora do meio ambiente. Nós somos ambiente. Devemos lutar pela inteireza de todo o ambiente e não apenas pelo meio. Quando houve a cisão entre meio ambiente e a humanidade?

Desde o dia em que o livro do Gênesis foi interpretado como "dominai e submetei-o". Esta interpretação é ridícula. O que Deus quer é que sejamos pastores e jardineiros/as de toda a Criação. "Cuidai, pastoreai", eis o que pede Gênesis 1,28.

Há uma inter-retro-relação entre todos e tudo. Precisamos ver a Terra de fora dela também. Da perspectiva dos astronautas. Aí, veremos que tudo é um todo inseparável. Não basta preservar algumas áreas (bosques, parques, reservas ecológicas). Precisamos é de sustentabilidade. 'Desenvolvimento sustentável' é um eufemismo e contradição, pois ou é sustentável ou não é desenvolvimento. Este tem de estar na linha do progresso, da distribuição. Sustentabilidade está na linha da biodiversidade, da harmonia existente na natureza que deve ser preservada.

Em uma animada fila dos participantes da Tenda da Ecologia, dezenas de experiências de lutas ecológicas concretas foram socializadas, onde as CEB´s estão sendo protagonistas. Eis referências a algumas delas:

Pressão nos órgãos públicos para que 100% do esgoto seja tratado. Reutilização da água que lava frutas e verduras para regar jardins, para lavar o chão; restos de alimentos usados para produção de adubo orgânico. Em Rondônia, pequenas propriedades já preservam a maior parte de mata nativa, convivendo com a parte cultivada no modelo da agricultura com recuperação da terra e adubação verde.

A partir da Campanha da Fraternidade 2004: água, fonte de vida, muitas iniciativas foram criadas e estão em curso. Grupo "Amigos do Rio Araguaia", Movimento Capão Xavier Vivo, Grupo que cuida de igarapés.

No Ceará, comunidades estão resistindo contra a implantação do Projeto Novo Atlântico – hotéis de luxo, chamados Ressorts -, que incluem campo de golfe e a construção de vários prédios e que geram total interferência na pesca artesanal existente. Neste caso, os povos indígenas estão liderando a luta ecológica.

Na Bahia, a luta foi para expulsar as pocilgas e olarias que estavam poluindo rios e funcionando sem licença ambiental.

Quase todos os 100 participantes da tenda da ecologia não fumam. Estão na campanha contra o fumo. "Deixei de fumar por amor à ecologia", disseram vários participantes.

Coleta voluntária do lixo e reciclagem. Luta pela preservação ou recuperação de matas ciliares. Populações ribeirinhas estão somando esforços para plantar milhares de árvores nas beiras dos rios.

"Esse brejo é a vida deste povoado", gritou um trabalhador rural, quando o fazendeiro queria desmatar tudo. Assim, iniciou-se uma luta pela preservação dos brejos, veredas e lagoas da região.

Diante da degradação do Rio Paraibuna, o povo se organizou e o rio está sendo revitalizado a passos largos. "O rio estava tão poluído que não dava para agüentar o mal cheiro." Mineradoras são grandes poluidoras. O Projeto "Paraibuna te quero

vivo" conseguiu por meio de parcerias, tratar o esgoto da cidade de Juiz de Fora e já plantou 150 mil árvores na beira do rio. Os peixes estão voltando e não estão mais com cheiro de óleo.

Criciúma, em Santa Catarina, é uma região devastada pela mineração de carvão – Mineradoras Criciúma e Metropolitana – onde 950 nascentes estão sendo preservadas (ou reavivadas) pelo povo que se organiza a partir das CEBs. Formaram ONGs e estão trabalhando em parceria. "As comunidades estão se levantando contra a mineração depredadora," testemunha uma líder comunitária.

Para salvar o Rio Paraguai as comunidades ribeirinhas celebravam o Dia Mundial do Meio Ambiente. Agora celebram a Semana do Meio Ambiente. Mas diante do sucesso da celebração e do envolvimento das comunidades, já estão pensando em celebrar o Mês do Meio Ambiente.

A falta de uma eclusa e o descuido com a piracema fez com que as comunidades das margens do Rio Parnaíba se organizassem para ajudar na reprodução dos peixes. São milhares de peixes – grandes, médios e pequenos – que hoje são transportados em tanques previamente preparados para garantir a desova na cabeceira do Rio. Tudo do jeito que a natureza ensinou e vem fazendo há milhares de anos.

No Maranhão foi aprovada uma lei que reconhece a Palmeira do Babaçu como patrimônio público. Foi a saída para evitar que milhares de árvores fossem cortadas sob a alegação de estarem em propriedade privada. Para concretizar a luta de preservação do meio ambiente a Pastoral da Juventude criou o Exército do Vale Verde. A reclamação de todos que militam em prol do meio ambiente é a mesma: o IBAMA é muito fraco e os órgãos ambientais, muitas vezes, se curvam frente às pressões do poder econômico e, assim, são coniventes com a grande depredação ambiental!

Da zona da mata mineira vem a novidade da fossa séptica nas pequenas comunidades, resultado do mutirão na comunidade com o apoio técnico da CTA – Centro de Tecnologia Alternativa – e das CEBs. Os pequenos camponeses que nunca haviam se preocupado em não lançar o esgoto sem tratamento nos córregos, agora estão aderindo maciçamente à solução das fossas sépticas. Depois de passar pelos filtros existentes a água do esgoto doméstico já pode ser reutilizada na irrigação e para outros consumos.

Do Vale do Ribeira, em São Paulo, vem a experiência da luta pela demarcação das APP – Áreas de Proteção Permanente – e pelo aproveitamento pelas comunidades tradicionais dos recursos existentes nelas.

Muitos falaram também da luta contra o agro-negócio, uma grande ilusão, quase sempre atrelado às políticas agrícolas da monocultura, do trabalho escravo e do latifúndio que alija da sociedade as comunidades tradicionais e seqüestra a terra para poucas mãos.

O projeto "Um milhão de Cisternas" para o semi-árido suscita muita esperança. Consiste no aproveitamento da água da chuva em reservatórios, o que viabiliza uma convivência dos pobres nas regiões semi-áridas. Na capital de São Paulo já está aprovada na Câmara de Vereadores uma lei que prescreve dois sistemas de abastecimento para as famílias: um com água tratada, na torneira, e outro pela captação da água da chuva

para lavar calçadas, automóveis e irrigar jardins. Isso diminuirá as inundações e reduzirá o preço da conta de água.

Enfim, de todos os cantos deste país continente vêm experiências bem sucedidas de resistência ao modelo depredador da natureza e de exploração irresponsável dos recursos naturais. Uma certeza restou ao final. Somente com a organização e a resistência contra esse modelo capitalista irresponsável vamos construir Um Outro Mundo Possível! No final, uma mulher arrematou: *"Engana-se quem pensa que a esperança está indo pró ralo. Eis inúmeras lutas que sustentam nossa esperança."*

12) CEBs no 1° Mundo

As 70 pessoas vindas de outros países testemunham a presença de CEBS em muitos países do mundo. Maria Françóise, da Bélgica, presente do 11° Intereclesial das CEBs diz que "as Igrejas e dioceses tradicionais da Bélgica têm fechado as portas a algo novo que é a CEB. A Igreja 'oficial' tem medo de perder o seu poder." Segundo ela, na Bélgica, as Comunidades Eclesiais de Base são organizadas ao lado da Igreja "oficial". Estas redes das CEBs existem na Bélgica como também em outros países da Europa. "Espero descobrir outras maneiras de viver a fé e descobri aqui que há muitas relações entre fé e vida. A troca de experiências é muito importante, voltando para Bélgica quero transmitir o que descobri, aqui. Estou muito feliz por participar desse grande acontecimento", finaliza, com risos, Maria Françóise.

Padre Mike, sacerdote estadunidense, vive perto de Chicago com aproximadamente cerca de 100 mil mexicanos, envolvendo 300 famílias, formando as 15 CEBs. Ele, com grande ardor missionário, testemunha: "Existem hoje nos EUA cerca de 11 milhões de mexicanos sem documentos, muitos deles deixaram as suas esposas no México. Todos vão em busca de uma melhor remuneração. Em casos de manifestações populares, muitos não participam com medo de serem presos e deportados. Além deste trabalho próximo a Chicago, temos CEBs em Los Angeles, Missouri e próximo à fronteira."

13) O trem das CEBs segue para PORTO VELHO

O trem das CEBS segue seu percurso, rumo a PORTO VELHO, em Rondônia, onde em 2.009, acontecerá o 12° Intereclesial das CEBs. Parte levando a todas e a todos a esperança dos valores do Reino de Deus. A missão continua. Cantando, celebrando, refletindo, informando e assumindo compromissos, aprendemos a peneirar sofrimentos e alegrias, desafios e conquistas, misturando fé e vida. No seguimento de Jesus Cristo e dos pobres, somos enviados pelo Espírito para dinamizar a vida e a liberdade por parte de todos, homens e mulheres, irmãos e irmãs. Celebramos a benção da Trindade, a comunidade original.

Até o 12° Intereclesial das CEBs, se Deus quiser! Até lá vamos, no dia-a-dia, nas lutas, nos encontros de CEBs diocesanos, construindo o projeto de Jesus que é o projeto do Deus dos pobres e dos pobres de Deus.

O 11° Intereclesial confirmou que as CEBs estão vivas e atuantes. É claro que a avalanche de (neo)pentecostalismo, trombeteado aos quatro ventos por rádios e TVs com práticas religiosas anestesiantes, ten-

ta vender a idéia de que as CEBs morreram. Roubam a visibilidade das CEBs, mas elas perseveram firmes na caminhada.

Nos rostos transfigurados das milhares de pessoas que fizeram acontecer o 11º Intereclesial das CEBs estava inscrito: Vivendo em Comunidade, a partir da Base, (queremos) crer, resistir, lutar e sonhar, preparando um mundo sem tantas exclusões.

Com um coração ecumênico, com o povo das CEBs exclamamos: AMÉM! AXÉ! AWERÊ! ALELUIA! UAI!

Frei Gilvander Moreira, Ordens dos Frades Carmelitas. Assessor de CEB's, CPT, MST, SAB e CEBI. Mestre em Exegese Bíblica e professor de Teologia bíblica.
Endereço do autor:
Rua Grão Mogol, 502 – Carmo Sion
30310-010 BELO HORIZONTE – MG
E-mail: gilvander@veloxmail.com.br

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1- Você e sua Comunidade acompanharam de alguma forma o Intereclesial das CEBs? Que aspectos despertaram mais o seu interesse?
2- Como o tema do Intereclesial foi estudado e debatido na sua Comunidade? Encontrou ressonâncias construtivas?
3- Que desdobramentos está chamado a ter o 11º Intereclesial no contexto social e eclesial do Brasil hoje?

> “Da massa da população brasileira, as CEBs formam um povo: grupo consciente e organizado que tem um projeto de vida que inclua todos e tudo.”

Marcha Nacional pela Reforma Agrária

CRB – Presença de uma igreja itinerante

Pe. Luiz Roberto Lemos do Prado, CM

I. Marchar é um ato Bíblico-Profético

Oração pela terra

O Povo de Deus é reconhecidamente um povo que se coloca sempre a caminho, constantemente em marcha. Seus pés estão sempre postos nas estradas da vida, estradas desafiantes e concretas. Somos povos que, histórica e contextuadamente sempre temos colocado os pés na estrada, marchando pelos tortuosos caminhos latino-americanos na conquista da sonhada Terra Prometida.

A presente Marcha Nacional Pela Reforma Agrária nos faz a memória da grande marcha registrada no livro sagrado. Foram 40 longos anos de caminhada daquele povo pelo deserto, sofrendo sede e fome; enfrentando desavenças internas. Sendo tentado a buscar e cultuar outros deuses que lhe prometessem respostas mais fáceis e lhe oferecessem soluções sem ter que enfrentar as dificuldades da caminhada. Mesmo no meio de situações tão adversas, o povo continuou caminhando. Nesta longa caminhada é que foi se forjando a identidade e a unidade deste povo que assim conseguiu juntar energias para, na etapa final, conquistar uma terra, a terra que o Senhor lhes prometera. Uma terra com vida em abundância. Uma terra onde corre leite e mel.

Desde a marcha daqueles que restaram do Exílio da Babilônia, perpassando pela presença de Profetas e Profetisas e do próprio Jesus de Nazaré na histórica Palestina, a mística fundamental do Povo de Deus foi sempre o caminhar, o peregrinar em busca da terra das promessas do Deus da Aliança.

Integrando esta mesma mística do Povo de Deus, a Marcha Nacional a Brasília foi constituída de uma dimensão toda especial. Além de representar a luta evidente na reivindicação por melhores condições de vida, por terra, trabalho e comida para nosso povo, essa marcha expressou uma das conseqüências do seguimento de Jesus de Nazaré, a do compromisso com o Seu projeto: *"Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em abundância"*.[1]

A Marcha Nacional pela Reforma Agrária expressou profundamente nossa firme convicção nos valores fundamentais da pessoa humana, nos direitos sociais, nos direitos dos povos empobrecidos, de maneira especial do povo brasileiro, à

[1] Jo 10,10.

vida digna e abundante, como sonhou o próprio Jesus ao profetizar *pertencer aos pobres o Reino dos Céus*[2].

Com certeza, cada pessoa que vivenciou esta Marcha experienciou com profundidade a Graça do Deus que liberta Seu povo, do Deus que historicamente marcha com Seu povo, armou e arma a sua tenda no meio deste povo, o impulsiona a lutar incansavelmente por vida compartilhada na justiça e na verdade. Este é o Deus que Jesus Cristo nos testemunhou e ensinou a testemunhar na caminhada do Reino.

A Igreja marcou presença intrinsecamente nesta profunda experiência militante, procurando testemunhar uma Igreja itinerante solidária com seu povo sofrido, de maneira servidora, respeitosa e ecumênica, através da presença de Religiosas e Religiosos filiados à CRB. Com este humilde gesto, vivenciamos a sábia convicção de que na defesa das grandes causas é preciso romper as barreiras de credos, etnias ou classe social. É preciso somar forças, dons, sonhos, ideais.

No acampamento popular, todas as tardes, por volta das 18h, nos reuníamos na Tenda da Palavra, do Encontro e da Profecia para alimentar-nos da Palavra do Deus da Caminhada e compartilharmos com o Povo de Deus em marcha a Palavra e o Pão, símbolos específicos da nossa busca comum. Sem dúvida, a singeleza deste gesto traduziu o ecumenismo prático do povo simples.

Com certeza, a presença da CRB na Marcha Nacional representou uma disposição da Igreja em aproximar-se mais do povo sofrido e fazer-se itinerante com este povo, de maneira simples e discreta, porém, com exuberante firmeza.

Procurando traduzir esta ousadia profética em poucas palavras, construímos em mutirão duas palavras de ordem, que animaram e iluminaram a nossa marcha em tempo integral:

"CRB, PRESENÇA SOLIDÁRIA NA LUTA POR JUSTICA E POR REFORMA AGRÁRIA".
"CRB, IGREJA ITINERANTE, COM O MST, UM POVO CAMINHANTE".

II. Diagóstico de um dia de marcha

"Marcha, Brasil,
Erga a tua voz;
Um novo país
Só depende de nós!"[3]

Para os 12.272 integrantes da Marcha Nacional Pela Reforma Agrária a aurora despontava bastante cedo. Por volta das 4 horas da madrugada, os militantes do Estado que puxaria as 3 fileiras naquele dia começavam a despertar. Mesmo no escuro, as pessoas arrumavam suas malas, faziam a higiene básica e colocavam-se em fileiras para receber o café da manhã. Os colchões e as malas pesadas eram amontoados e levados em caminhões para

[2] Mt 5,3.
[3] MUNHOZ, Pedro, músico militante do MST.

o próximo acampamento, por equipes designadas para isso.

Os marchantes lançavam mão de suas bandeiras e mochilas e posicionavam-se em fileiras para o início da Marcha, animados por músicas do movimento e palavras de ordem. Era uma verdadeira alegria em mutirão.

A esta altura, a Polícia Rodoviária já estava na estrada para garantir a segurança dos Sem Terra e organizar o tráfego durante a caminhada naquela manhã.

A "Rádio Comunitária Brasil em Movimento" começa a anunciar a formação das fileiras por Estado e anima os militantes. Pouco a pouco a Marcha toma forma e é dada a largada. Para trás ficaram os companheiros das brigadas de apoio, das barracas, da cozinha e da limpeza geral. Os responsáveis pelas barracas desarmam rapidamente toda a estrutura de ferro e plástico e seguem nos enormes caminhões para deixarem pronta a estrutura do próximo acampamento. Os companheiros responsáveis pela limpeza passam uma varredura no acampamento desmontado, juntando os sacos de lixo. Deixam para trás somente as marcas do capim pisado. Levam sempre a utopia da transformação de uma sociedade injusta – uma das mais desiguais do mundo -, e marcam de forma indelével o coração de tantos que assistem aquela "banda passar", como diria Chico Buarque de Hollanda.

Durante todo o trajeto, os Sem Terra carregam os radinhos a pilha (emprestados pela organização do Fórum Social Mundial) para acompanhar a programação. Equipes de animação, de comunicação, de coordenação, de cantores, poetas, trovadores e de lideranças iam se revezando nos trios elétricos que acompanham a Marcha e na direção da Rádio. Durante todo o percurso são entoados cantos, são proferidas palavras de ordem, concedem-se entrevistas, recomendações de saúde, boletins sobre a cobertura da imprensa, entre outros informes essenciais para o bom andamento da marcha. Nada artificial. Cada gesto retrata o estado de espírito de quem sabe o que quer, onde está e onde deve chegar.

Os veículos que passam na faixa contrária à Marcha buzinam, acenam para os marchantes e tiram fotos. A população sai de suas casas para ver os 4 quilômetros de fileira.

No fim da manhã, após a longa caminhada, os Sem Terra chegam ao novo acampamento, que já se encontra devidamente montado. Todos procuram por suas malas e se organizam debaixo das tendas e nas barracas. Após um descanso merecido, as marmitas com o almoço começam a chegar.

No início da tarde, a Rádio Brasil em Movimento retoma a transmissão com uma entrevista com alguns especialistas sobre o assunto que está em pauta para aquele dia da Marcha; para cada dia de marcha há um tema devidamente planejado. É o momento de estudo. Os militantes sabem muito bem que a ignorância é uma forma de prisão. O conhecimento há de ser o caminho de libertação. É preciso alimentar a idéia de vencer a colonização pela informação; formar cidadãos e cidadãs conscientes de que qualquer mudança há de ser cons-

truída pela força dos próprios trabalhadores, organizados em movimentos sociais legítimos.

Faz parte irremediavelmente da organização a democratização de todas as decisões. A responsabilidade de cada integrante é levada muito a sério, sob pena de comprometer os objetivos a serem alcançados. Tudo é discutido e assumido por todos. Discute-se entre todos simplesmente tudo, nas centenas de brigadas, grupos e sub-grupos. Ao todo foram formados uns 600 grupos de estudo.

Na cozinha todo cuidado é pouco para não faltar alimento para aquela multidão. A higiene e a qualidade das refeições são buscadas o tempo todo. Nas 23 cozinhas, uma por Estado, em um total de 450 cozinheiras e cozinheiros, a alegria de servir está estampada no rosto de todas e todos. O abastecimento de água potável ocorria de forma satisfatória, com a preocupação de não ceder ao desperdício. Os 100 banheiros químicos garantem um mínimo de conforto e a certeza de poder andar pelo enorme campo coberto de capim, agora transformado em uma cidade de marchantes, sem o risco de pisar em algo desagradável. A brigada da saúde, com o máximo de atenção, cuida de todos para que possam participar bem até o final da Marcha. Prioritariamente, aplica meios da medicina alternativa e naturista.

Ao longo do dia, as brigadas e equipes se reúnem para dar informes e discutir o andamento da Marcha. Todos os detalhes são revisados diariamente. Ao por do sol, chega a segunda refeição.

No soar da Ave-Maria, acontece o momento comunitário da partilha da Palavra e do Pão, na Tenda da Palavra, do Encontro e da Profecia, motivado por integrantes da CRB.

Ao cair da noite um veículo com um telão adaptado possibilita aos marchantes assistirem ao vivo noticiários nacionais. Geralmente, após o noticiário, era projetado um filme histórico, como meio para a formação da consciência crítica e aguçar a memória histórica das lutas sociais, seguido de um tempo para debate.

Quando escurece, boa parte dos marchantes já está dormindo porque, no dia seguinte, mais alguns quilômetros os esperam rumo a Brasília.

Com a ternura e a liberdade das crianças, com a coragem e a teimosia das mulheres, com a resistência dos negros e com a mística dos nossos parentes indígenas, com filosofia marxista e a Teologia da Libertação na cabeça, apoiados pelo povo das Comunidades Eclesiais de Base e pela Comissão Pastoral da Terra, levando no coração a utopia e o testemunho de Jesus Cristo, de Zumbi e dos Quilombos, de Karl Marx, de Rosa Luxemburgo, de Olga Benário, de Gandhi, de Martin Luther King, de Che Guevara, dos camponeses do Contestado, de Antônio Conselheiro e Canudos, das Ligas Camponesas, dos(as) mais de dois mil mártires do grande movimento popular que co-inspira a construção de Um Outro Brasil, justo e humano, mais de 12 mil militantes marcham por 16 dias na direção do planalto central. Vivenciar esta profunda experiência foi realmente muito marcante. E a Igreja, na corporação da CRB, marca sua presença solidária nesta jornada profética.

III. O caráter educativo das marchas populares

"Caminho que a gente é
Caminho que a gente faz,
Caminho que a gente faz
Para viver e para andar
Para outros caminheiros
Se ajuntar".[4]

Uma das intuições em torno das marchas dos militantes no MST a caminho de Brasília, percorrendo cidades interioranas, conscientizando a sociedade sobre a cidadania, diz que quando o povo começa a caminhar, fazer jornadas, romarias, a ir para a rua gritar, exigir seus legítimos direitos, é sinal de mudanças, de transformações capazes de abalar velhas estruturas.

Lançando um olhar na ótica dos oprimidos sobre a história do Brasil após a dominação estrangeira através das múltiplas formas de colonização do nosso povo pelas elites aqui implantadas, constatamos que essa sede de libertação sempre acompanhou o nosso povo, que nunca deixou de ocupar espaços de luta pela sua autonomia, mesmo sendo espaços diminutos e até mesmo cerceados pela ideologia religiosa a serviço dos poderosos.

O povo brasileiro nunca foi passivo diante da opressão, embora carregue o valor ético de ser um povo pacífico. Lutas libertárias sempre houve, desde a resistência indígena ao trabalho forçado cruzando os braços ou fugindo para as brenhas das florestas, a fuga dos negros para os quilombos, os assassinatos ou envenenamento dos senhores de engenho, as ligas camponesas, as lutas dos lavradores de caráter messiânico, o bandoleirismo, a formação de sindicatos rurais, a politização das lutas pela reforma agrária, a contraposição à ditadura militar, a busca da redemocratização do país através da luta por eleições diretas, a organização das massas populares em favor da sua cidadania que perpassa por uma autêntica reforma agrária, trabalho esse desenvolvido orgulhosamente pelos militantes no MST.

E o que é mais apaixonante: toda essa postura histórica sempre esteve carregada de mística, de religiosidade, de celebrações ritualísticas, de expressão de vida em todas as suas etapas, de profunda familiaridade com a natureza, elementos pouco valorizados até mesmo pelos setores da religião oficial.

É justamente esse resgate místico e cultivo da memória histórica que a luta por uma autêntica reforma agrária procura desencadear. E essa luta vai se configurando, paulatinamente, numa batalha pela conquista da terra, da cidadania plena e da liberdade, num projeto de transformação da própria sociedade. Aqui está o desafio da articulação entre as organizações camponesas e citadinas, para que, de fato, abale as estruturas injustas. Essa transformação tem sua base num longo processo de conscientização popular, que perpassa por uma educação básica na ótica do oprimido, lançando um olhar crítico sobre a ideo-

[4] CASALDÁLIGA, Pedro & KULM, Cireneu, Caminho que a gente é In: Cantigas na contramão, CD.

logia do opressor e seus aparelhos de sustentação ideológica, muitas vezes de cunho religioso.

Concretamente, as jornadas programadas pelo MST e demais organismos solidários a uma autêntica Reforma Agrária, carregam em seu bojo este compromisso educativo da nação, a partir de uma educação de qualidade de seus próprios militantes, no intuito de que estes se transformem em agentes diretos na educação da grande massa. Não é em vão que em qualquer acampamento ou assentamento dos movimentos pela reforma agrária, de maneira especial do MST, há autênticas escolas ministradas por educadores rigorosamente formados numa pedagogia envolvente da pessoa na sua integridade, segundo o método do grande educador Paulo Freire. Também não é por acaso que o MST inaugurou em janeiro do corrente ano, uma Escola de nível Nacional (Escola Nacional Florestan Fernandes), em Guararema, interior de São Paulo. Como também não é por motivo banal que existe um significativo grupo de estudantes do MST se especializando em várias áreas, na significativa ilha de Cuba.

Dentre os princípios vitais adotados pelo MST, a educação básica e permanente dos militantes ocupa um plano de destaque na busca do resgate da cidadania plena de cada cidadão(ã):

> "A educação que nós queremos/precisamos não acontece só na escola. É um processo bem mais amplo que tem a própria dinâmica do movimento social como ambiente de aprendizados por excelência. Mas a luta pela escolarização dos sem-terra é fundamental: além de se tratar de um direito de cidadania, representa a possibilidade do acesso a certos tipos de saberes que fazem efetiva diferença na formação/educação unilateral de sujeitos da transformação social e da reconquista da dignidade humana. Nossa luta é por escolas públicas de qualidade nos acampamentos e assentamentos de reforma agrária de todo o país, com recursos do Estado e participação das comunidades e do MST na sua gestão pedagógica. Neste sentido, nosso trabalho se integra num movimento social maior de resistência ao desmonte da escola pública brasileira, e que tem sido desencadeado por inúmeras entidades e organizações, com as quais buscamos apoios e ações conjuntas. Vale acrescentar que neste movimento qualidade inclui quantidade, ou seja, enquanto em algum assentamento existirem analfabetos, ou crianças e jovens fora da escola, ou professores e monitores sem a escolarização adequada, não poderemos nos considerar fazendo uma educação de qualidade, por melhor que possa ser a pedagogia que ali estivermos desenvolvendo".[5]

[5] CALDART, R. Salete & KOLING, E. Jorge. O MST e a educação. In: *A reforma Agrária e a luta do MST*, p. 235.

Os ideais dos lutadores e lutadoras do povo são constantemente cultivados e alimentados por VALORES FUNDAMENTAIS, os quais traduzem com categoria e arte o caráter educacional de um povo comprometido com a construção de um caminho desafiador e ousado em busca do novo.

Valores Fundamentais

A Ecologia: A preservação do meio ambiente, o ecodesenvolvimento (ou desenvolvimento sustentável), a reciclagem e a recuperação ambiental permanente.

A Cidadania: O respeito aos direitos humanos, o pluralismo, a transparência, o pleno acesso à informação e a mobilização pela transformação pacífica da sociedade.

A Democracia: O exercício da democracia representativa, através do processo eleitoral e da existência de um poder público eficiente e profissionalizado, combinado com mecanismos participativos e de democracia direta, sobretudo a nível local, através de formas de organização da sociedade civil e conselhos paritários com o poder público.

A Justiça Social: Condições mínimas de sobrevivência em dignidade para todas as pessoas. Direitos e oportunidades iguais para todos. O poder público como regulador do mercado protegendo os mais fracos e necessitados, garantindo o acesso à terra e promovendo a redistribuição da renda através de mecanismos tributários e do investimento público.

A Liberdade: A liberdade de expressão política, criação artística, expressão cultural e informação; o direito à privacidade; o livre arbítrio em relação ao próprio corpo; a autonomia e a iniciativa privada, no âmbito econômico.

O Municipalismo: O fortalecimento cada vez maior do poder local, das competências municipais e das formas de organização e participação da comunidade. Para transformar globalmente é preciso agir localmente.

A Espiritualidade: A transformação interior das pessoas para a melhoria do planeta. Reconhecimento da pluralidade de caminhos na busca da transcendência através de práticas espirituais e de meditação ao livre arbítrio de cada um.

O Pacifismo: O desarmamento planetário e local, a busca da paz e o compromisso com a não violência e a defesa da vida na sua integridade.

O Multiculturalismo: A diversidade, a troca e a integração cultural, étnica e social para uma sociedade democrática e existencialmente rica. Preservação do Patrimônio Cultural. Contra todas as formas de preconceito e discriminação racial, cultural, etária ou de orientação sexual.

O Internacionalismo: A solidariedade planetária e a fraternidade internacionalista diante das tendências destrutivas do chauvinismo, etnocentrismo, xenofobia, integrismo religioso, racismo e do neofascismo a serem enfrentados em escala planetária, assim como as agressões ambientais de efeito global.

A Cidadania Feminina: A questão masculino/feminino deve ser entendida de forma democrática, avançando no sentido de se conceber uma profunda inte-

ração entre os dois pólos, nos diversos setores da sociedade, visando uma real adequação às necessidades circunstanciais. Homem e mulher devem buscar, como integrantes do sistema social, mudanças e transformações internas, que venham a se traduzir numa prática de caráter fundamentalmente cooperativo. Maior poder, maior participação e maior afirmação da mulher e dos valores e sensibilidade feminina, além do combate a todas as formas de discriminação machista ou sexista, por uma comunidade mais harmônica e pacífica.

O Saber: O investimento no conhecimento como única forma de sair da indigência, do subdesenvolvimento e da marginalização para uma sociedade mais informada e preparada para o novo século. Erradicação do analfabetismo, educação permanente e a reciclagem de conhecimentos durante toda a vida. Prioridade ao ensino básico, garantia de escola pública, gratuita e de qualidade para todos.

Rio de Janeiro, maio de 1996.[6]

IV. Um povo movido pela mística e pelos valores vitais

O ser humano é o único vivente capaz de dar significado às suas ações, suas lutas, seus relacionamentos, suas crenças. E necessita disso para implementar seus ideais de vida. Os militantes do MST trabalham de forma integral esses valores vitais.

Inúmeros elementos e símbolos contribuem para alimentar a experiência mística dos militantes no MST: a música, a bandeira, as ferramentas de trabalho, as marchas, as assembléias, os congressos nacionais, as ocupações, as manifestações públicas, as celebrações, as festas... A vivência coletiva destes elementos faz com que cada militante adquira uma profunda paixão pelas lutas populares, associada à valorização da vida das pessoas e do planeta, revelada no cultivo inadiável da auto-estima.

Diante disso, podemos afirmar que a militância no MST concebe que "a mística é a própria vida tomada em sua radicalidade e extrema densidade. Cultivada conscientemente confere à existência sentido de gravidade, leveza e profundidade. A mística sempre nos leva a transcender todos os limites, a descobrirmos o outro lado das coisas e a respeitarmos que por detrás das estruturas do real não há o absurdo e o abismo que nos mete medo, mas vige ternura, acolhida, o mistério amoroso que se comunica como alegria de viver, sentido de trabalhar e sonho benfazejo de um universo de coisas e pessoas confraternizados entre si e ancorados fortemente no coração de Deus que é Pai e Mãe de infinita bondade".[7]

Os(as) militantes ou lutadores(as) do povo cultivam a convicção de sempre ser um(a) vencedor(a), no sentido de que não morre jamais, continua vivo(a) na memória dos(as) militantes, pelo simples fato de que ele(a) nunca vive para si

[6] Extraído da página do MST na Internet: www.mst.org.br.

[7] BOFF, Leonardo. *Alimentar nossa mística.* In: Mística...op. cit., p. 45.

mesmo. Os lutadores do povo, mesmo na dúvida, são convictos de que é preciso lutar, lutar para vencer. Por isso cultivam e alimentam valores.

Destacaremos alguns desses valores, sem a preocupação de que estes se encaixem em alguma ordem hierárquica ou sigam os ditames da lógica de valor capitalista, mas com a clareza de que o cultivo dos mesmos possibilita despertar em nós a disposição de implementá-los e resgatar nesta luta centenas de outros valores que farão de nós seres humanos mais perfeitos, sintonizados com a causa da vida integral para todos(as).

a) O valor da solidariedade

Mais do que nunca, a solidariedade se torna a cada dia um valor fundamental, partindo dos nossos interesses de classe, dentro do nosso território, mas numa trajetória dialética de universalização. Diante da globalização econômica que reduz tudo e todos à categoria de mercado, somos convocados a dar outra direção à nossa vida e militância, lançando-nos na busca incansável de participarmos da "globalização da solidariedade".

A solidariedade tem se tornado a marca do MST, partindo do objetivo mentor da existência do mesmo: *criar condições objetivas para que a terra seja partilhada para quem nela trabalha*. E uma das marcas do(a) militante no MST é a sensibilidade em reconhecer e sentir que enquanto houver um Sem-Terra no Brasil, cada militante se considera, orgulhosamente, também um Sem-Terra. Esse comprometimento é a maior prova da solidariedade autêntica dentro do MST. Nesta perspectiva de comprometimento solidário com a causa maior, podemos enriquecer mais o conceito de solidariedade:

> "Solidariedade é, portanto, buscar alternativas para elevar o ser humano a uma nova categoria, tanto na qualidade de vida quanto na qualidade de consciência e na construção de novos valores. Solidariedade é mais do que doar o que nos sobra, mas também o que nos pode fazer falta, por entendermos que o ser humano tem esta possibilidade de permitir que todos os povos tenham o direito de satisfazer suas necessidades, mesmo que isso dependa da ajuda e da participação solidária de todos".[8]

b) O valor da indignação

Indignar-se contra qualquer injustiça deve ser a característica fundamental de um(a) lutador(a) do povo, seja ela de caráter local ou internacional. Procurando ser coerente com a frase do companheiro Che Guevara: *"Sentir profundamente, qualquer injustiça cometida contra qualquer pessoa em qualquer parte do mundo, é a qualidade mais bela de um ser humano"*. Neste sentido, a indignação é uma qualidade que um(a) lutador(a) do povo jamais pode perder:

> *"Se perdermos a capacidade de nos*

[8] BOGO, Ademar. *Valores de uma prática militante*, p. 54-55.

indignar, perdemos a virtude da sensibilidade humana, e nos identificaremos com as máquinas, que nascem e morrem sem sentimentos e sem coração. Por isso não devemos esquecer de ouvir o grito do velho Chaplin que disse: 'Não sois máquinas, homens é que sois'. *A indignação deve porém tornar-se atitude, ação concreta de protesto e de defesa dos injustiçados, em se tratando de identidade de classe".*[9]

A virtude da indignação ética vem acompanhada da capacidade de nos alegrarmos com os sinais de justiça, mesmo quando pequenos, mas sempre conquistados com muita luta e organização popular. O companheiro Ademar Bogo traduz este sentimento a partir de dentro do MST, parafraseando-o da seguinte forma: *"No coração da sociedade deve pulsar a alegria de ver seus novos filhos e filhas sendo gerados pela solidariedade e pela paixão de construir um novo país".*

c) O valor do compromisso

Compromisso é uma atitude de permanente vigilância sobre os propósitos feitos coletivamente, mas com o cultivo de uma convicção do valor da atuação que brota de dentro de cada pessoa; convicção de que vale a pena se comprometer com a luta, mesmo que isso leve ao sofrimento: *tudo vale a pena, desde que a alma não seja pequena.*

Porém, diante da ideologia dominante imposta pelo sistema capitalista, a tentação em construir atalhos e apagar toda memória, ou seja, fazer da vida apenas momentos descartáveis, está sempre presente, é uma tentação insistente e pertinente. Por isso a necessidade de cultivarmos permanentemente a resistência:

> "O caminho para a liberdade é longo e tortuoso, nem todos resistem até o fim. Há muitas tentações que nos querem confundir. Muitas vezes pensa-se em encurtar o caminho para chegar mais rápido. Mas aí poderá estar uma armadilha colocada no caminho para iludir-nos de que alinhando-nos com determinadas forças será mais tranquilo o caminhar e chegar ao lugar desejado".[10]

O cultivo do valor do compromisso perpassa pela organização e comprometimento enquanto classe social. E nesta aglutinação de classe é necessário a clareza de que os ricos e poderosos não abrem espaço para quem não é do seu grupo social participar do seu convívio. Eis aí também o risco da formação de gueto classista que corremos constantemente. Portanto, compromisso transformador supõe necessariamente integração afetiva e efetiva a partir de sua própria classe social, na dinâmica da doação, do serviço gratuito, cultivando a ótica da universalização dos valores vitais.

[9] Ibid., p. 56.
[10] Ibid., p. 57.

d) O valor da coerência

Outro valor que um(a) lutador(a) do povo deve cultivar constantemente é o valor da coerência. Isso supõe que cada militante aprenda a ser flexível e se coloque numa caminhada evolutiva e dialética diante da necessidade de mudanças qualitativas, assumindo a dinâmica dialética da história. "Assim deve ser o lutador do povo: ser coerente e acompanhar atentamente o movimento interno de cada ação em separado, e das ações na sua globalidade. Em tudo há esse movimento interno, que somente a atenção precisa e dedicada de um lutador social pode perceber".[11]

Nos tornarmos dogmáticos ou libertinos, são dois extremos que o sistema dominante nos possibilita sempre. Por isso mesmo a urgência em cultivarmos permanente vigilância na busca de um equilíbrio funcional:

> "Ser coerente não significa dogmatizar conceitos e explicações. Os dogmas existem para coisas que completaram seu ciclo de desenvolvimento, muito utilizados na filosofia idealista e nas religiões, ou em fatos consumados. Por outro lado, também não significa mudar totalmente, simplesmente porque as ondas ideológicas estão em alta em algum momento.
> A coerência também deve estar relacionada com a prática. Para um lutador do povo não tem tarefa mais importante, todas elas fazem parte do mesmo plano tático. Por isso, não é justo negar-se a fazer tarefas por achar que estas pertencem a um nível 'inferior' de militância".[12]

Outro aspecto que nos parece fundamental cultivar na militância social é a coerência com as origens. O princípio marxista de que *a consciência social é fruto da convivência social* nos parece bem verdadeiro. Por isso, a preocupação entre os lutadores do povo em nunca negar sua origem de classe e lugar social:

> "O meio influi na conduta, no pensar e no agir das pessoas. Por isso é preciso cuidar para que os lutadores do povo ao mudarem de lugar social não neguem suas origens de classe. Por isso devemos aperfeiçoar constantemente as reflexões sobre a prática. Cargos em instâncias ou em repartições públicas, são apenas tarefas e não profissão. E tarefas tem períodos para serem cumpridas. Pessoas que permanecem por muito tempo na mesma tarefa podem ter deformações de postura e de conduta. Devemos seguir o princípio de que ninguém é insubstituível e nem imprescindível, e dentro da luta de classes, todos têm defeitos, mas também qualidades, basta que saibamos aproveitá-las".[13]

[11] Ibid., p. 59.
[12] Ibid., p. 60.
[13] Ibid., p. 61-62.

e) O valor da esperança

O final do século XX e a alvorada do novo século chega com uma forte carga de desânimo e frustrações da classe trabalhadora. Os "reformistas e oportunistas" passam a ser engolidos pela modernidade e pela globalização. Apenas suspiram e lamentam, vendo suas categorias se deteriorarem sem perspectiva de retorno.

É difícil manter a esperança quando se renega princípios, valores e sobretudo, as experiências de lutas. Muitos "lutadores do passado" se converteram em defensores da modernidade e assim se confundem com os inimigos. Alguns, cansados, acreditam que já deram o suficiente sua contribuição, por isso, resta-lhes agora tão somente cuidar dos interesses particulares. Mas, felizmente, restam muitos que procuram se aproximar das novas gerações que ainda buscam fazer sua própria experiência, resgatando os símbolos, valores e princípios, elementos impulsionadores de milhares de militantes populares no passado, que se tornam inspiração para militantes no presente.

É nessas brechas que se abre um espaço para demonstrar que ainda é possível vencer. O exemplo de resgatar "das cinzas" os trabalhadores sem terra é a maior prova de que ainda temos uma grande tarefa a cumprir, basta que nos coloquemos à disposição de sermos colaboradores na construção de nova história.

"Acreditar no futuro não é uma questão utópica, é real, pois não existe futuro sem acreditar que se pode fazer o presente. Quem não vê o presente como momento histórico para refazer e projetar fazendo, não terá razão para acreditar no futuro.

Nossa tarefa é manter a esperança. Achegar-se dos que estão desanimando e daqueles que já não percebem onde passa a linha do horizonte da transformação social. Acalentar o coração das massas e acertar o passo da caminhada. A história ainda não deu a última palavra. É tempo de fazer e de vencer".[14]

Manter e alimentar a esperança, portanto, exige-nos adotar a lógica da persistência, da paciência histórica, na certeza de que a chama do amor nunca se apaga diante dos ditames contraditórios dos sistemas totalitários: "A esperança na história das lutas dos povos é uma chama que, em determinados períodos, diminui de tamanho, mas não morre. Continua lá, com a mesma quentura, a espera de um impulso para erguer-se e iluminar o caminho de quem acredita na possibilidade de construir a felicidade com todas as mãos e corações interessados a viver a dignidade".[15]

f) O valor da confiança

Sentimentos de desestímulo, frustrações, desconfiança nascem naturalmente quando, em momentos de crise, não

[14] BOGO, Ademar. *Os desafios atuais do MST*. Texto mimeografado.

[15] BOGO, Ademar. *Valores de uma prática militante*, p. 63.

encontramos uma saída, as luzes parecem estar totalmente apagadas. Muitas vezes estes períodos são até necessários para despertarmos das ilusões que criamos em torno de paradigmas ou modelos que foram engolidos pela história e não fomos capazes de perceber com clareza. Em determinadas situações, tomamos atitudes alienatórias, superficiais, que não atacam as raízes dos problemas. Aí precisamos reacender em nós a chama da confiança: "A confiança é o primeiro fator para a recuperação da auto-estima das pessoas. A classe dominante procura ao longo do tempo estabelecer situações que levam as pessoas a sentirem-se derrotadas, através da ideologia que cria o complexo da inferioridade".[16]

Diante da lógica capitalista em que se mede a importância das pessoas pelas condições financeiras e pela quantidade de patrimônio que estas possuem, transformando o ser humano em mero produto de mercado, torna-se imprescindível ao lutador do povo ajudar as pessoas a romper a relação de inferioridade introjetada por esta ideologia de morte.

> "É fundamental superar o complexo de inferioridade e o preconceito que há entre nós. O analfabeto sente-se inferior ao intelectual. A costureira sente-se inferior a quem sabe computação. O pobre sente-se inferior ao rico. E assim por diante.
>
> As pedras que formam a base das muralhas têm péssima aparência, são mal talhadas e dificilmente consegue-se alinhá-las com precisão, mas sem elas não há estruturas que resistam.
> Confiança é isso. É saber que somos importantes com nossas características, nossos conhecimentos e sabedoria. Mas somente sentiremos esta importância se acreditarmos nas pessoas, na coletividade. Individualmente o capitalismo permite e oferece condições para alguns poucos, e usam isso como exemplo para iludir a grande massa de excluídos, que se "você" tentar e quiser poderá também vencer sozinho. Podemos vencer, mas jamais individualmente. É nisso que devemos confiar. Aliás, devemos acreditar em três coisas fundamentais: em nós, no povo e no futuro.
> Embora muitas vezes não enxergamos a linha do horizonte por causa da neblina, ela está lá. Em algum lugar. Para vê-la, precisamos continuar caminhando".[17]
>
> CAMINHEIRO, VOCÊ SABE, NÃO EXISTE CAMINHO. PASSO A PASSO, POUCO A POUCO, E O CAMINHO SE FAZ!

g) O valor da alegria

A luta na defesa da vida, na concepção de quem se entrega de coração, não é um martírio; é um prazer, é uma realização de vida, pois está construindo o

[16] Ibid., p. 64.
[17] Ibid., p. 64-65.

caminho que leva à conquista dos sonhos coletivos. Muitos lutadores e lutadoras passam longo tempo ausente dos familiares mais próximos, porém isso não é causa de tristeza, é apenas uma faceta da saudade. Uma das virtudes nas circunstâncias da solidão é o cultivo da contemplação:

> "O lutador do povo aprende a desenvolver a virtude da contemplação e vê seus filhos e seus companheiros em pequenas coisas, nas flores do campo, nas árvores no caminho, nas rochas gigantes que parecem despencar e tantas outras coisas que só os revolucionários são capazes de sentir. Viver e praticar valores é uma virtude que somente os seres desinteressados pela naturalidade das coisas podem alcançar, pois procuram o extraordinário nas coisas de forma permanente".[18]

Paulatinamente foi sendo introjetada nas pessoas uma mentalidade, em nome do marxismo, que dirigentes políticos ou cargos de direção, quaisquer que sejam, destituía da pessoa a capacidade de sensibilizar-se, de demonstrar ternura, de emocionar-se; por essa razão, as instâncias partidárias adotaram a tática da fixação institucional, causando assim um hiato e uma frieza nas relações humanas. Desta forma, diversos dirigentes políticos, sociais e religiosos correm sempre o risco de associar à sua tarefa uma carga de burocratização. Se esquecem de que sorrir, cantar e dançar não quebram com a disciplina e nem reduzem o valor, a profundeza e a seriedade das idéias. Sensibilizar-se com as situações humanas não pode significar, porém, quebra da disciplina e da unidade interna da organização.

> "Participar de uma instância da organização ou de qualquer cargo público não pode dar mais poder a ninguém, pois estes espaços foram criados para servir as pessoas e a sociedade. A luta não pode ser triste se tivermos consciência de que estamos preparando o berço para as futuras gerações de fazer a história com alegria".[19]

Cultivar a alegria não abstrai da pessoa os momentos de dificuldades onde a tristeza, a insegurança, o cansaço, as divergências, a morte, enfim os atrapalhos, nos querem roubar a possibilidade de ver a felicidade acontecer. Mas são apenas momentos nebulosos na caminhada, semelhantes à mãe prestes ao parto: o momento de dor é superado pela alegria de mais uma vida ser colocada no mundo. E cada gravidez é um momento novo, pois é o mistério da vida que sempre se repete.

h) O valor da ternura

Ter ternura significa cultivar dentro de si a capacidade de reconhecimento de

[18] Ibid., p. 66.
[19] Ibid., p. 67.

que em tudo há vida, todas as coisas carregam em seu bojo um sentido de ser. Podemos nos inspirar no testemunho de Gandhi, que disse: *"Tudo o que vive é teu próximo"*. Desta forma é possível acreditar que um ser humano consegue chegar à plenitude do amor e poderá neutralizar o ódio de milhões.

Na luta revolucionária, mesmo que necessite derramamento de sangue, isto se dá pela causa da libertação total da classe trabalhadora, o que não significa desmerecimento da dignidade humana. "A ternura como valor está na linha do aperfeiçoamento do comportamento político e humano de um lutador do povo na sua relação com a coletividade".[20]

A ignorância com que os torturadores do povo utilizam de múltiplos meios, até sofisticados, para menosprezá-lo, pensando que matando a pessoa consegue matar suas idéias, comprova que sua postura é oposta à ternura: ternura e ignorância são sentimentos antagônicos. "Ternura, portanto, não significa perdoar o inimigo e deixá-lo ir para que se reabilite e volte mais preparado para os atacar, mas jamais se pode desqualificá-lo enquanto ser humano, obrigando-o a fazer coisas que estão em desacordo com a lógica da continuidade da vida humana".[21] Exemplo dessa busca de equilíbrio está na frase/apelo de Che Guevara, que se tornou uma espécie de aconselhamento/inspiração para todos nós: *"Hay que endurecerse, pero sin perder la ternura jamás"*.

i) O valor da mística em forma de utopia

A utopia é aqui abordada no sentido de valor que aponta horizontes, com o qual devemos contestar a ideologia da incerteza sobre o futuro, como se o projeto da sociedade igualitária e a busca da perfeição fossem coisas inalcançáveis. "Entendemos por utopia a relação existente entre a dimensão concreta de um projeto real, que visa ir realizando o projeto abstrato, formulado com a ajuda da ciência e pela imaginação humana. Ter e manter a utopia deve ser um valor que se alimenta pela mística como sendo a razão que nos faz viver e buscar esta causa".[22]

O agravamento dos problemas sociais exige mais apego à utopia para que se possa apresentar soluções definitivas. São os problemas que impulsionam as revoluções. A utopia se apresenta como possibilidade de chegar à solução dos problemas. Ela deve ser entendida, portanto, como conteúdo do projeto que não se consegue alcançar nunca na totalidade, pois ela sempre está além da realidade e quanto mais andamos, mais nos convida a andar em busca da perfeição. Porém, aqui está o desafio de o lutador do povo fazer com o mesmo esse caminho sem transformar a utopia em sonhos ilusórios:

> "Em primeiro lugar é preciso resistir aos sonhos ilusórios e ser realista: prometer o realizável, como

[20] Ibid., p. 69.
[21] Ibid., p. 70.
[22] Ibid., p. 70-71.

passo de uma caminhada mais longa, mas que vai na boa direção e aproxima do projeto histórico. Bons são os sonhos que transfiguram a realidade e levam a transformá-la; enganosos são os que a mistificam. Portanto, articular os dois níveis: o micro e o macro. Pensar no global e agir no particular. A grande utopia toma corpo na pequena utopia".[23]

Esta permanente procura é que caracteriza os lutadores utópicos no caminho da busca da verdade que, na caminhada social, cada vez mais se complexifica. Tal realidade exige-nos dupla vigilância e o cuidado da auto-estima:

"Por isso nos preparamos, cuidamos da saúde, buscamos conhecimentos, fazemos treinamentos, embelezamos as casas, escrevemos poesias, como se estivéssemos sempre nos preparando para um grande encontro. Este mistério de preparar-se e jamais encontrar-se com a totalidade do projeto é o que nos move e impulsiona para vivermos esta causa tão humana e tão repleta de realizações. Este prazer de saber, sentir e fazer é que chamamos de mística. É esta força que nos move em busca da construção interminável da utopia".[24]

O monstro mostra sua cara através de mil possibilidades e faz com que as pessoas, mesmo não podendo buscar nada do que ele promete, fiquem extasiadas em frente aos televisores a espera da solução de seus problemas. Mas o cultivo do valor da utopia faz do(a) lutador(a) do povo um profeta da esperança. E nesta árdua tarefa plantam a idéia de que a insensibilidade da sociedade tecnocrata não tem a última palavra: *sociedade alternativa se constrói com participação ativa de pessoas que nunca deixam morrer em si a chama do humanismo.*

"Participar, criar referências organizativas para que as pessoas possam se encontrar, discutir seus problemas; reagir de modo organizado contra os verdadeiros responsáveis; elevar o nível de consciência e propor-se a mudar o modelo de sociedade onde as pessoas coloquem a tecnologia a seu serviço e a busca do bem-estar de todos os seres humanos, é o início para reanimar a utopia, iniciando a implantação de aspectos concretos deste plano abstrato.

A utopia continua atualíssima para os lutadores do povo. Somente ela tem este poder de antecipar, em forma de projeção, a sociedade futura que queremos construir. Este é o conteúdo de nossa causa. Vivenciá-lo por antecipação somente conseguiremos através da mística.

A utopia é a perspectiva abstrata e concreta que temos para realizar o

[23] BOFF, Clodovis. *Como trabalhar com a massa*, p. 30.
[24] BOGO, Ademar. *A prática dos novos valores*, p. 71.

socialismo de nosso modo, que sairá com imperfeições, mas que a persistência utópica nos impulsionará sempre aperfeiçoá-lo. Não há porque temer. Tudo o que fizermos servirá para reduzir esforços de nossos descendentes que darão sequência a este sonho utópico da libertação total do ser humano".[25]

j) O valor dos símbolos

Em todas as culturas e nações, qualquer que seja o grupo humano, as pessoas norteiam suas vidas, suas lutas, sua espiritualidade e se identificam através dos símbolos, desde que carreguem significado coletivo e que estejam dentro da ética e a serviço da construção da dignidade humana. Mais do que nunca é fundamental que se recupere e se desenvolva no imaginário e na prática social a importância dos símbolos para fazer frente ao processo de alienação e despolitização das relações sociais que nos impõe a ideologia do sistema. Esta ideologia burguesa, por estar em pleno desenvolvimento da era do descartável, procura, de inúmeras maneiras, fazer crer que tudo tem sentido limitado e as coisas perdem seu significado com muita rapidez.

As propagandas eletrônicas criam um sentimento de superação imediata: mal a pessoa adquire um carro, logo vem a propaganda de um modelo mais atualizado; os computadores vão sendo superados por outros numa velocidade incontrolável; os eletrodomésticos, as roupas e calçados, com suas cores exóticas, se superam dentro de períodos muito próximos. Estamos vivendo a era do consumismo despudorado.

Este sentimento de "ultrapassagem" é que faz com que as pessoas fiquem obcecadas pelos novos lançamentos. Os shoppings simbolizam o templo da atualização do mercado total. O sentimento do descartável, paulatinamente, passa a fazer parte da consciência social, com toda naturalidade, sem nenhuma consonância com a ética e os valores humanos. O perigo se torna ainda maior quando a indiferença pelo descarte atinge as relações humanas e o próprio ser das pessoas, tornando-nos insensíveis às situações de injustiça que nos deparamos dia-a-dia: já ninguém reage por ver desempregados, mendigos nas ruas, crianças abandonadas, pois isso é "material" do dia anterior. Por isso mesmo o desafio dos militantes sociais se torna ainda maior: "é fundamental que os lutadores do povo mantenham vivos os símbolos que dão identidade a nossa cultura, a nossas organizações. Os símbolos podem se apresentar e estarem relacionados com diferentes aspectos materiais, espirituais, culturais, estéticos, etc".[26]

Nas organizações do MST há uma variedade de símbolos que sustentam a luta, como nos relata João Pedro:

> "A bandeira, o hino, as palavras de ordem, as ferramentas de trabalho,

[25] Ibid., p. 74-75.

[26] Ibid., p. 76.

os frutos do trabalho no campo... Eles aparecem, também, de muitas formas: no uso do boné, nas faixas, nas músicas. As músicas são um símbolo muito importante. O próprio *Jornal Sem Terra*, para o MST, já é mais do que um meio de comunicação. É um símbolo. O militante se identifica, tem afinidade, gosta dele".[27]

Merece um certo destaque em nossa reflexão as composições musicais feitas pelos próprios militantes do MST. Através das canções, os militantes resgatam a história na ótica dos sofredores e lutadores, torna sempre viva a memória dos antepassados que sustentaram a luta, faz da luta uma diversão e alimenta a utopia da terra conquistada para todos: as canções fazem a luta se tornar alegria, e impulsionam o nosso povo a antecipar a grande vitória festejando as pequenas conquistas. Ademar Bogo parafraseia de maneira incontestável essa arte em movimento:

"(...) Cantar, pois, é mais que um prazer
Quando as vozes brotam de forças em movimento
Que ao som suave de belas melodias
Elevam foices e facões,
Rompendo cercas, retirando mourões
Para ver nascer um novo dia".[28]

Socializar a riqueza cultural das pessoas simples, que brota da escola da vida, se tornou uma pedagogia excelente em valorizar, resgatar e estimular o que há de melhor entre os empobrecidos; é uma forma inteligente e saudável de contrapor aos sistemas totalitários que subestimam aos mesmos com sua ideologia dominadora, reducionista ao pensamento único.

"No MST, a mística tornou-se um ato cultural, em que os sem-terra trabalham com diversas formas de linguagem para representarem suas lutas e esperanças. É espaço/tempo de confraternização, de aprendizagem e, portanto, de construção de conhecimento e da consciência da luta. Na criação de seus símbolos, na práxis e na mística, os sem-terra interagem e confrontam os conteúdos dos discursos de diferentes matrizes, constituindo sua identidade e autonomia, absorvendo saberes e elaborando seus conhecimentos. No fazer-se de seus princípios, formaram-se, gerando idéias, incorporando pessoas de diversas matrizes e origens, dimensionando e transformando realidades. Essa conformação traz em seu conteúdo o sentido de ser sem-terra. Essa consciência em que se compreendem como organização, enquanto classe."[29]

[27] STEDILE, J. Pedro & FERNANDES, B. Mançano. *Brava gente*, p. 132.
[28] CD Arte em Movimento, músicas do MST.
[29] FERNANDES, Bernardo Mançano. A formação do MST no Brasil. P. 189-190.

É imprescindível destacar que estes valores estiveram presentes, de forma bem visível e tempo integral na Marcha Nacional Pela Reforma Agrária, na pessoa de todos os marchantes, pois tais elementos é que dão roupagem e significado educativo às ações dos lutadores e lutadoras do povo, fazendo a sintonia comunicativa com a massa que vê e se sente contemplada em seus ideais de vida e luta por dignidade. São estes elementos místicos que dão às lutas populares o caráter de se tornarem, paulatinamente, fermento na massa.

V. A Marcha Nacional chega ao centro de decisão do país

A Marcha Nacional foi construída em mutirão, desde a sua gênese. Em cada Estado brasileiro ela foi organizada com garra e paixão, por cada militante nos acampamentos e assentamentos, durante um ano inteiro. Por isso mesmo, havia equipe para cuidar de cada detalhe das coisas essenciais para a marcha acontecer, e tudo funcionava de forma criteriosa. Foi lindo e emocionante de ver.

O ideal da marcha foi construído durante o tempo de preparação, e cultivado durante todo seu desenvolvimento. A cada dia a gente refletia sobre um tema devidamente assessorado por uma pessoa qualificada para aquele assunto durante o caminhar, mediado pela rádio comunitária *Brasil em Movimento*, na parte da manhã, e na parte da tarde, já no acampamento, refletíamos sobre outro tema, também com assessoria qualificada e discutíamos em pequenos grupos. No acampamento inteiro formamos uns 600 grupos. Essa foi a metodologia usada durante os 17 dias de jornada.

Toda essa metodologia de estudos deixou claro que a Marcha Nacional pela Reforma Agrária tinha um objetivo claro e definido, e isso se fez compreendido por cada militante social que acompanhou a marcha, mesmo como simples solidário à causa: questionar as políticas sociais implementadas pelo governo Lula nestes dois anos e meio de mandato, e propor alternativas para que o governo avance nesta dimensão. Para isso, foi preparada e discutida em toda a marcha uma pauta de 16 propostas de ações governamentais, perpassando todos os aspectos primordiais da vida administrativa do país. Portanto, a preocupação era de forma conjuntural e não fisiologista, somente com a política agrária, embora esta política seja um dos pivores para o desenvolvimento qualitativo do nosso povo.

Durante os dias de marcha rumo a Brasília uma equipe de negociação agilizava uma pauta de justas reivindicações junto aos ministérios correspondentes. Na chegada da marcha a Brasília, enquanto a massa se manifestava em praça pública, uma equipe de 50 pessoas, incluindo duas Religiosas como representantes legais da Igreja Católica reuniram-se com o governo Lula para expor com firmeza, clareza e categoria os motivos da marcha implementada com tanto sacrifício pelos pobres trabalhadores. Eis a pauta que levamos a Brasília:

Marcha Nacional pela Reforma Agrária

O que precisa ser feito para mudar a vida do povo brasileiro
- Propostas dos movimentos sociais ao Governo Lula -

No meio rural, na agricultura camponesa e na Reforma Agrária:

1. Cumprir a meta de assentar 430 mil famílias sem terra, até final do mandato, conforme prometido no Plano Nacional de Reforma Agrária.

2. Implementar um programa de instalação de agroindústrias nos assentamentos e um novo crédito especial para Reforma Agrária. O PRONAF não está atendendo às necessidades dos mais pobres.

3. Defender a Amazônia e a biodiversidade brasileira contra os interesses transnacionais e impedir o processo de privatização da água.

4. Garantir o princípio da precaução e impedir a liberação do plantio comercial de qualquer semente transgênica, antes que se tenha pesquisa de suas conseqüências para o meio ambiente e para a saúde das pessoas.

5. Punir exemplarmente todos os fazendeiros responsáveis pela violência contra os trabalhadores. Federalizar o julgamento dos processos de assassinato. Aprovar imediatamente a lei de expropriação das fazendas com trabalho escravo.

6. Demarcar imediatamente todas as áreas indígenas, conforme determina a Constituição, apoiar e valorizar a cultura dos povos indígenas. Regulamentar todas as terras quilombolas.

Na política econômica:

7. Aplicar os 60 bilhões de reais do superávit primário anual, que é dinheiro do povo recolhido nos impostos, para investimentos que gerem emprego para todos. Aplicar em moradia popular, saúde pública e em EDUCAÇÃO gratuita para todos jovens. Implementar programa para erradicar o analfabetismo em nossa sociedade.

8. Baixar as taxas de juros real (Selic) para o mesmo nível praticado nos Estados Unidos e nos países vizinhos como Venezuela e Argentina; ou seja, 2,5% ao ano, e não os 19,25% cobrados atualmente, que só dão apenas aos bancos.

9. Dobrar paulatinamente o valor real do salário mínimo e o valor da aposentadoria: para R$ 454 mensais em maio de 2005, depois, para 566 reais em maio de 2006, visando distribuir renda e melhorar as condições de vida dos mais pobres. Honrando também, dessa maneira, o compromisso assumido pelo governo de dobrar o poder de compra do salário durante seu mandato.

10. Recuperar o controle governamental e público sobre o Banco Central e sobre a política monetária. Impedir a autonomia do órgão, como querem e estão fazendo os banqueiros e o FMI.

11. Não assinar o acordo da ALCA. Não aceitar regras da OMC, que afetem profundamente toda a economia brasileira. Manter apenas acordos comerciais que possam beneficiar o povo.

12. Realizar uma auditoria pública da dívida externa, como determina a Constituição Federal, e renegociar seu valor, já que o custo da dívida já foi pago di-

versas vezes. A partir daí, redirecionar esses recursos para a educação, conforme proposta da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação). Renegociar a dívida pública interna, alongando seu pagamento sem prejudicar o orçamento da União.

Na política em geral:

13. Mobilizar as bancadas no Congresso Nacional para aprovar a regulamentação do Plebiscito Popular, projeto de lei (nº.4718/2004) apresentado pela OAB e CNBB. Para que o povo possa decidir sobre as questões fundamentais que lhe dizem respeito.

14. Democratizar o uso dos meios de comunicação de massa no país. Rever as concessões políticas e liberar o uso das rádios e tevês comunitárias.

15. Condenar em todos os organismos internacionais a política de guerra e de violação de direitos humanos do governo Bush, exigindo a retirada das tropas estadunidenses do Iraque. Retirar imediatamente as tropas brasileiras do Haiti.

16. Promover um verdadeiro mutirão nacional, debatendo junto à sociedade um projeto de desenvolvimento nacional que garanta soberania nacional e defina como prioridade a garantia de trabalho para todos, o combate da desigualdade social e uma verdadeira democracia política.

Porém, já aprendemos a lição de que é preciso sonhar alto e lutar juntos, lançando mão de criativas estratégias para que, pelo menos parte de nossos intentos sejam compreendidos e levados a sério pelos órgãos governamentais. E foi justamente isso que aconteceu na mesa de negociações. Dos 16 itens construídos em mutirão pelos trabalhadores durante tanto tempo de jornada, apenas parte deles foi assumida pelo governo federal como podemos verificar:

Nas reuniões realizadas entre o MST e o governo em 17 e 18 de maio, sete pontos foram acordados na realização da Reforma Agrária no país.

Veja abaixo a síntese destes pontos:

1) Cumprimento das metas do PNRA em 2005:

a) O governo reafirma seu compromisso com as metas do II PNRA: 115 mil famílias assentadas em 2005 e 400 mil assentadas até o final de 2006.

b) Envio ao Congresso Nacional, até 31 de maio, de Projeto de Lei de suplementação orçamentária com os recursos necessários para cumprir a meta.

2) Revisão dos Índices de Produtividade: O governo federal já tomou a decisão de atualizar os índices de produtividade. Portaria Interministerial será publicada nas próximas semanas.

3) Reestruturação e fortalecimento do Incra:

a) O Ministério do Planejamento autorizou a contratação de 137 servidores já aprovados em concurso, principalmente agrônomos.

b) Autorizar a realização, ainda em 2005, de novo concurso para o Incra, com abertura de 1300 vagas.

c) Nova estrutura organizacional do Incra.

4) Priorizar na seleção para os assentamentos, observadas as demais condições

legais, as/os trabalhadoras/os em acampamentos mais antigos.

5) Assegurar uma cesta básica mensal para todas as famílias acampadas.

6) Descontingenciar os recursos do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – Pronera.

7) Mais qualidade para os assentamentos – acesso ao crédito pelos assentados:

a) Reajustar o teto de financiamento do Pronaf A de R$ 15 mil para R$ 18 mil (1,15% ao ano, carência de até 5 anos, 10 anos de prazo para pagar, desconto de 46% para pagamentos em dia).

b) Aumento de um para três dos créditos de custeio aos assentados (juros de 2% e rebate de R$ 200,00 para pagamentos em dia), no valor de até R$ 3.000,00 cada, sendo os dois primeiros com risco da União e o terceiro com garantia de compra da produção.

c) Instituir um Crédito de Recuperação de Assentamentos, no valor de até R$ 6.000,00 por família (1% de juros, carência de até três anos e até 10 anos de prazo para pagar), com disponibilidade de recursos fixada a cada Plano Safra.

d) Assegurar a disponibilidade de R$ 100 milhões para acesso exclusivo dos assentados ao Pronaf Agroindústria (até R$ 18 mil por família, 3% de juros para pagamentos em dia, até três anos de carência e 8 anos para pagar) através de fundo de aval ou outro instrumento de garantia.

e) Instituir, além do atual crédito de instalação/fomento de R$ 2,4 mil, um segundo recurso de fomento aos assentados, no ano seguinte, no mesmo valor.

f) Aumentar de R$ 1.000 pará R$ 1.500 os recursos para construção de cisterna no semi-árido.

Na luta pela vida é preciso festejar as conquistas, sejam grandes ou pequenas. E os lutadores do povo aprenderam a fazer isso constantemente, com muita categoria. E é justamente esta mística que nos faz enxergar nesta pauta negociada com os órgãos governamentais algo de positivo, porque conquistado com o suor de tantos trabalhadores e trabalhadoras ao longo da caminhada. E nós, enquanto Igreja, marcamos presença em todo esse processo de gestação do novo. Eis uma ousadia profética!

VI. O desafio de uma igreja itinerante

Bênção da Marcha

"Que o Deus itinerante:

- Caminhe à tua frente para te guiar, te dar confiança, te mostrar o rumo e te dar esperança na utopia do Reino e sua justiça!
- Caminhe atrás de ti para te empurrar, te escutar, te inquietar, te questionar!
- Caminhe ao teu lado para te acompanhar, te alegrar e te fazer sentir sua presença!
- Caminhe abaixo de ti para te sustentar, te fortalecer e te dar coragem, firmeza e segurança!
- Caminhe dentro de ti para te fazer sentir seu perdão, sua paz, sua liberdade, seu carinho e seu amor sem condições!

O Deus itinerante, que é Pai, Filho, Espírito Santo te abençoe.

Amém".

(Paco Almenar – SJ)

Como podemos ver, todo esse investimento na formação de militantes sociais implementado pelo MST durante sua rotina diária e com muito mais intensidade durante as marchas, seja de cunho regional ou nacional, vem de encontro à convicção de que a dimensão revolucionária de nossas ações, seja de caráter social ou não, passa impreterivelmente, pela busca incansável do saber, da compreensão do conjunto das políticas nacionais. E nós, como Igreja, não podemos ficar fora desse processo. Caso contrário, nosso trabalho de evangelização não estará contribuindo em nada na construção do Reino de Deus entre o povo, que continua refém de injustiças institucionalizadas.

Considerando tudo isso, podemos avaliar que a participação da Igreja nesta marcha através da organização da CRB Nacional, foi um marco positivo na compreensão de uma Igreja que cada vez mais precisa se desinstalar e se tornar itinerante com o povo sempre caminhante na busca da garantia da vida com mais dignidade.

A Mística vivenciada e cultivada pela militância do MST, de maneira particular experienciada nesta Marcha Nacional, lança desafios e questionamentos à nossa missão enquanto Igreja inserida na sociedade do século XXI:

- Que nesta era de penumbra neopentecostal, não percamos o equilíbrio tático de nos deixar guiar, orientar e discernir verdadeiramente pela Luz do Espírito do Crucificado e Ressuscitado.
- A busca audaciosa da sensibilidade em ser Igreja voltada eminentemente ao serviço do povo excluído, da massa sobrante (opção radical). Que mantenhamos os olhos, os ouvidos, as mãos e o coração abertos para sentirmos a dor e o clamor deste povo, e sermos, verdadeiramente, voz e vez dos que continuam não sendo contados nem contabilizados no balanço do mercado total.
- Que como missionários(as) do Reino de Deus, nos coloquemos em permanente processo de desinstalação de nossas seguranças e nos lancemos corajosamente no meio da massa como fermento transformador. Somente nos misturando nesta massa aparentemente amorfa e nos engajando junto ao povo que luta e cultiva valores inalienáveis é que podemos medir a qualidade de nossa fé e descobrimos as sementes do Verbo semeadas no seio da humanidade.
- Que mantenhamos a chama de uma missão eminentemente inserida, inculturada e ecumênica no universo dos empobrecidos/excluídos do nosso tempo.
- Que tenhamos a coragem de cultivar o Espírito profético herdado das origens da fé no Deus Libertador, o Deus de Jesus de Nazaré. A exemplo dos militantes do MST e solidários a esta causa, sejamos *Profetas em Movimento*.

Sem sombra de dúvida, a experiência da Marcha foi para cada um de nós, como Igreja militante, uma verdadeira faculdade de vida, que teve como corpo docente o povo simples, marginalizado, sofrido, mas que carrega no peito muita convicção de sua dignidade, e luta com santa bravura pelo resgate de seus direitos há tantos séculos sendo usurpados.

Que esta marcha faça de nós Igreja

cada vez mais inquieta, na busca incansável da Paz que brota da fidelidade corajosa ao Evangelho de Jesus Cristo Libertador.

"CRB, PRESENÇA SOLIDÁRIA,
NA LUTA POR JUSTIÇA E POR REFORMA AGRÁRIA"

"CRB, IGREJA ITINERANTE, COM O MST, UM POVO CAMINHANTE".

Pe. Luiz Roberto. Sacerdote da Congregação da Missão
Mestre em Teologia pela Faculdade Nossa-Senhora da Assunção de S. Paulo. Pároco da Paróquia Nossa-Senhora de Fátima de Contagem.
Endereço do autor:
Rua Pe. Bartolomeu de Gusmão, 278 – Jardim Industrial
32220-120 Contagem – MG

QUESTÕES PARA AJUDAR A LEITURA INDIVIDUAL OU O DEBATE EM COMUNIDADE

1- O ato de se colocar em Marcha tem um caráter profundamente bíblico-profético. O povo latino-americano, concretamente, é um povo constantemente em marcha na busca da vida na sua integridade evangélica. Como Igreja, temos nos inserido na constante marcha da vida do nosso povo?

2- As Marchas dos militantes do MST e aliados à causa da Reforma Agrária trazem em seu bojo um caráter educativo e transformador das estruturas injustas. Chamados a ser protagonistas do Evangelho, como temos contribuído para que o mesmo chegue às várias instâncias dos centros de decisão do nosso país?

3- As lutas populares são alimentadas por valores essenciais inalienáveis, que podemos considerar valores evangélicos. Como Igreja militante, temos bebido desta fonte para nos encorajarmos a nos tornar Igreja itinerante com o povo sofrido, no compromisso da Nova Aliança?

"No MST, a mística tornou-se um ato cultural, em que os sem-terra trabalham com diversas formas de linguagem para representarem suas lutas e esperanças."

CRB

Impresso Especial
050200140-2/2002 - DR/RJ
CRB
...CORREIOS...

Quadro Programático da CRB 2005-2007

Horizontes

1. Uma espiritualidade evangélica que potencialize para o testemunho da partilha, para a profecia e anúncio missionário, e para acolher as mudanças necessárias, frente aos novos tempos.
2. Vida Consagrada como sinal do Reino de Deus na opção preferencial, audaciosa, solidária e transformadora pelos empobrecidos e excluídos.
3. Afirmação da identidade da Vida Consagrada no seu compromisso e missão com a causa da justiça, da paz, da reconciliação, sendo esperança para a vida do mundo, no seguimento de Jesus.
4. Vida Consagrada como espaço de novas relações, particularmente de gênero, de etnias, de gerações e ecológicas.

Prioridades

1. Avançar na construção de alianças intercongregacionais na formação, missão, projetos comuns, e em parceria com organizações afins.
2. Dinamizar o processo formativo para ser presença profética e testemunha de esperança diante dos desafios da realidade de hoje.
3. Assumir as interpelações das novas gerações em seus dinamismos, exigências e potencilidades.
4. Incentivar a vida fraterna e sororal em comunidade como espaço de testemunho evangélico, na interculturalidade.
5. Cultivar uma mística enraizada na Palavra de Deus como fonte de coragem para responder aos desafios atuais.
6. Resgatar de forma criativa a inserção em meios populares, bem como a missionariedade em regiões carentes, no mundo urbano, *ad gentes* e em realidades emergentes.

Realces

1. Potencializar uma formação humanizante com particular atenção aos desafios atuais e questões de identidade, liderança, poder e relações na Vida Consagrada.
2. Fomentar uma economia solidária e partilha de recursos humanos e materiais, em vista de um testemunho mais efetivo.
3. Buscar a comunhão com a CNBB, a integração com a CLAR e o diálogo com as novas formas de Vida Consagrada.
4. Cultivar a consciência crítica e o discernimento evangélico que tornem a Vida Consagrada capaz de posicionar-se com determinação diante das situações de injustiça na sociedade.
5. Dar prosseguimento ao processo de sensibilização da Vida Consagrada para questões emergentes, de modo particular vindas da juventude e as novas formas de animação vocacional.
6. Ajudar as congregações e institutos em suas análises institucionais, em vista da refundação.